# Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO






[2.]ª SÉRIE—N.º 1—PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS—LISBOA, 11 DE NOVEMBRO DE 1940—PREÇO 1$50

# as estreias do Animatógrafo

ANIMATÓGRAFO VÊ SEMPRE AS FITAS ANTES DOS SEUS LEITORES. MAS VÊ-AS PARA LHE CONTAR ALGUMAS, EM IMAGENS E EM PROSA, PROPORCIONANDO-LHES ASSIM UMA ESTREIA ANTES DE QUALQUER CINEMA.

A RÁDIO-FILMES

apresenta

**«MINHA MULHER FAVORITA»**

(My Favorite Wife)

Produção de *Leo McCarey*

dirigida por GARSON KANIN

Argumento original de *Bella* e *Samuel Spewack*

Personagens:

| | |
|---|---|
| Ellen . . . . . . . . . | IRENE DUNNE |
| Nick. . . . . . . . . . | CARY GRANT |
| Burkett . . . . . . . . | RANDOLPH SCOTT |
| Bianca . . . . . . . . | GAIL PATRICK |





Nick (Cary Grant), advogado célebre, está noivo de Bianca (Gail Patrick). Sete anos guardou êle memória fiel à sua primeira mulher e ainda hoje sente a perda de Ellen (Irene Dunne), vítima dum naufrágio quando, com uma missão científica, demandava os mares do Sul.

A responsabilidade inerente ao matrimónio é matéria tão familiar ao Nick como o direito romano. Também não é o pêso do braço de Bianca que o traz assim vergado.

A réplica que está a dar ao pensador de Rodin exige uma explicação à noiva já inquieta...

Havemos de convir que não é fácil *explicar* a Bianca a ressurreição de Ellen, salva por um barco português que o destino — talvez comovido com a fidelidade de Nick — fez aproar à ilha deserta onde ela milagrosamente fôra parar.







Nunca advogou Nick causa mais difícil: ter duas luas de mel em perspectiva, ou, com mais propriedade, ter de escolher uma de entre elas. Em qual dos dois «eixos» assentará êle a sua nova vida? Ellen parece não abandonar os seus legítimos direitos...

Sabe-se agora que Ellen viveu com outro náufrago na ilha deserta, como Adão e Eva. Nick não se mostra inclinado a entusiasmar-se com a ideia — e procura saber se não teria havido serpente metida no caso.

Enquanto Bianca começa a pensar que «nenhum marido» é melhor que um «mau marido», Nick faz-se juiz da sua própria causa, pesa os direitos que assistem, a uma e a outra e, entretanto, vai sendo um noivo assás fleugmático...







As duas frente a frente! Pior: as duas em frente dêle. Nick além de ser americano, lembra-se que desempenha um papel numa comédia romântica, e resolve não dramatisar o caso. Inclinando-se 45 graus para Ellen, deixa perceber o seu propósito.

Bianca defende o seu amor próprio com espírito desportivo; a sentença de Salomão paira sôbre a cabeça do atribulado Nick.

Este começa compreender que a questão não é daquelas que o tempo amàvelmente se encarrega de resolver.

Até que, por fim, Bianca desliga-se, quási de bom grado, dum noivo demasiadamente... perplexo. E Nick, nada desapontado com tal resolução, pensa com alegria que a sua mulher favorita passará a ser apenas — e para sempre — a sua mulher. *(Texto de António Cardoso Nunes)*

## PANORÂMICA

### A reaparição de «Animatógrafo»

No dia 1 de Abril de 1933, editado pela Sociedade Editorial ABC, apareceu em Lisboa o primeiro número dum semanário cinematográfico intitulado «Animatógrafo». Dirigia-o António Lopes Ribeiro, e ràpidamente alcançou, pelo cuidado da sua apresentação gráfica e pelo interêsse do seu texto, o favor dos amigos do cinema.

Motivos imprevistos — dos quais o principal foi a partida para o estrangeiro do seu director — levaram a Sociedade Editora a suspender, ao cabo de um trimestre, a publicação de «Animatógrafo». Mas, no espírito dos que nêle colaboraram — Lopes Ribeiro, Félix Ribeiro, Domingos Mascarenhas, Olavo, Alves de Azevedo, etc. — a idéia de fazer reaparecer um semanário que surgira sob tão bons auspícios nunca esmoreceu.

Agora, sete anos volvidos, tal aspiração torna-se realidade. Ésses sete anos representam, na vida de todos êles, muitas e muito profundas mudanças. Mas uma coisa nêles não mudou: amor pelo cinema e a fé nos seus destinos. Foi isso que tornou possível a reaparição de «Animatógrafo»; e é isso que garante, hoje mais que ontem, a sua continuidade e o seu interêsse.

### Semanário de guerra

«Animatógrafo» reaparece em plena guerra, na época mais difícil e incerta que o mundo vive desde que nascemos. Pode parecer assim temeridade, senão loucura, publicar uma revista mais própria de tempos melhores. Nós, porém, não o julgamos assim. Pelo contrário: é nos momentos graves, nos dias perigosos, que urge tomar posições, dar sinais de vida e de confiança. Tudo o que se fizer para manter, para apoiar as actividades mais ameaçadas — e as artes do espectáculo vêm, infelizmente, em primeiro lugar — é nêsses momentos mais oportuno e mais nobre.

Todos os redactores de «Animatógrafo», os antigos e os novos, estão habituados a responder «presente!» e a marchar sem hesitações para a primeira linha sempre que qualquer inimigo ameaça a arte dos seus amores.

### Os percursores

Pode parecer de mau agoiro aos superticiosos, invocarmos aqui os nomes das principais revistas cinematográficas que precederam esta segunda série de «Animatógrafo». E isso porque todas elas, ao cabo duma vida mais ou menos curta e mais ou menos atribulada, acabaram por desaparecer. Mas nunca inglòriamente. Cada uma delas, luxuosa ou modesta, deu o seu quinhão à propaganda duma arte que teve o dom de despertar desde o começo, como tudo o que é forte e verdadeiramente novo, inimigos irreconciliáveis. Por isso, e porque desdenhamos as «calixtagens», não prescindimos de render aqui homenagem aos nossos percursores.

Lembremos assim a *Cine-Revista*, de Fernando Mendes, o *Pôrto Cinematográfico*, de Alberto Armando Pereira, a *Invicta Cine*, de Roberto Lino, e *O Jornal dos Cinemas*, de Augusto Claro, pioneiros autênticos, pois se publicavam quando as revistas de cinema, em todo o mundo, se podiam contar pelos dedos; *O Film*, de José Figueiroa e Raul Reis, o *Espectáculo*, de Alberto Armando Pereira, e o *Cinéfilo*, de Avelino de Almeida, que bateu o «récord» de longevidade; as duas séries de *Imagem*, de Chianca de Garcia; o *Kino*, de Lopes Ribeiro, que lançou e acreditou o fonocinema; a *Crónica Cinematográfica*, de Mota da Costa, que foi o nosso único diário de cinema, e o *Movimento*, de Armando Vieira Pinto. Final-

# É preciso não desanimar!

**Digam o que disserem, o Cinema, ao contrário do que se esperava, resiste vitoriosamente à guerra e à crise que dela resulta. Os primeiros receios, surgidos não só em Portugal mas em todo o mundo, não tiveram, graças a Deus, confirmação. Julgou-se que a produção ia parar, que a escassez e a incerteza dos transportes paralizariam a distribuïção, que o aumento inevitável do custo da vida deminuïria a freqüência dos cinemas, arruïnando a exibição. Ora a produção, mesmo nos países beligerantes, prossegue a uma cadência amortecida, mas segura. Produz-se na Alemanha, na Itália, em Inglaterra. Na própria França, Marcel Pagnol trata de conservar o fogo sagrado. Dos neutros, a Espanha produz com mais intensidade que nunca. Na América — nem se fala. Produz-se em quási todos os países da América do Sul. Na Argentina, no México, em Cuba, produz-se mesmo em grande escala.**

**A distribuïção norte-americana na Europa ressentiu-se consideràvelmente, é certo. Mas o mercado continental tem capacidade mais que suficiente para não alterar o ritmo da produção nos Estados Unidos. A prova é que se constroiem estúdios na Florida para fazer concorrência aos da Califórnia, procurando rivalizar Miami com Hollywood. E há mesmo quem sustente que certas restrições em quantidade melhorariam a qualidade dos filmes produzidos.**

**Os cinemas europeus que se conservaram abertos, ou que vão reabrindo (em Paris já funcionam muitas dezenas dêles, aumentando o número em cada dia), registam enchentes... sempre que levam bons filmes, e estão vazios quando as fitas não prestam, o que não se pode dizer que seja um fenómeno a atribuir à guerra...**

**Isto é assim; e isto só surpreende os que desconheciam ou fingiam desconhecer a importância que, em menos de meio-século, o cinema adquiriu na vida da humanidade. O cinema tornou-se, quer queiram quer não, o meio mais poderoso de difusão de que dispõe o pensamento humano. O número de pessoas que vêem um filme de êxito medíocre é muito superior à tiragem do mais poderoso jornal. O livro mais traduzido não consegue atingir a expansão de qualquer filme de Hollywood. A própria radiofonia está ainda muito longe de alcançar o prestígio e a popularidade do cinema.**

**No domínio dos espectáculos, o cinema bate todos os restantes por uma distância astronómica. Já não é uma simples moda. Tornou-se um hábito, uma necessidade. Criou raízes, tão profundas e tão tentaculares, que não haverá guerras nem crises que consigam destroná-lo.**

**E em Portugal?...**

**Em Portugal, os distribuïdores têm a sua época absolutamente assegurada. Os exibidores (aqui para nós) não só se defendem normalmente, como se defendem bem. Pelo menos, não pode dizer-se que a percentagem habitual dos êxitos tivesse decrescido em Lisboa na última temporada e no começo desta. Fitas houve que se mantiveram duas, três e até seis semanas no cartaz do mesmo cinema, facto que se ia tornando cada vez mais raro de há alguns anos para cá. Os últimos números fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística acentuam a «ascendência constante» que se verifica na curva representativa da totalidade de bilhetes vendidos nos cinemas portugueses. Como a fonte de informação é seguríssima, temos êste sintoma por muito animador.**

**Quanto a produção portuguesa, ocupar-nos-emos largamente, neste jornal, das razões que nos levam a considerá-la oportuna como nunca.**

**Porque uma cousa se tornou necessária a todos: não desanimar! Para diante é que é o caminho, e ai daqueles que, tomando as conseqüências dos seus próprios erros por reflexos dum fenómeno geral, encararem sem coragem e sem confiança o dia de amanhã. A todos, industriais, comerciantes, técnicos, artistas, jornalistas e «espectadores», cumpre acreditar no futuro do Cinema, como indústria, como negócio e como arte. Se êles próprios não acreditarem, como querem que «os outros» acreditem?**

**Hoje, mais que nunca, é preciso cuidar do espectáculo cinematográfico. Hoje, mais do que nunca é necessário «fabricar cinéfilos», conquistar amigos devotados para o cinema.**

**Que a guerra e a crise não sirvam de pretexto a ninguém para desistir duma iniciativa, para evitar um melhoramento, para conservar uma deficiência. Não é, nestes tempos guerreiros, que o cinema deve «desarmar». Antes deve munir-se de melhores armas, para garantir a sua defesa, e assegurar à sua gente uma paz próspera e fecunda.**

**ANTÓNIO LOPES RIBEIRO**

# RECORDAÇOES... EVOCAÇOES...

**Um artigo de JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR, que resume, numa bela síntese, a história do Cinema e da Cinefília**

Mau grado o pèssimismo contagioso da hora que corre, a-pesar-da evocação do dia de hoje, autêntico dia de Finados inúteis, recordados numa data de paz artificial, que só serviu para dar a guerra actual aos órfãos daqueles que morreram supondo-se as últimas vítimas da metralha, não é decente que corresponda à amabilidade de um velho amigo, que me convidou para a festa natalícia do seu «Animatógrafo», comparecendo a ela de fumo no chapéu e de voz soluçante.

Que importa que a criança nasça em triste manhã de Novembro talvez chuvosa, se S. Martinho êste ano não nos brindar com o seu famoso verão. Também Jesus escolheu para vir ao Mundo o mês mais álgido do nosso hemisfério, e nem por isso deixou de ser Deus.

Porque não há-de ser «Animatógrafo» que aparece um mês mais cedo, também o deus das revistas portuguesas, havidas e por haver?...

O director de «Animatógrafo» não me levaria a bem se eu, abusando da confiança que a nossa recíproca amizade nos concede, desatasse para aqui a elogiá-lo. Demais, é desnecessária salientar a inteligência com que êle reconheceu que só era possível, na hora actual, criar uma revista de cinema tendo presente a sugestão da parábola bíblica do lavrador, que provou aos filhos que, se uma criança era capaz de partir uma simples vara, um homem robusto não poderia vergar um feixe das mesmas, atadas em conjunto. Assim êle pensou reùnir, em união sagrada, os escrevinhadores qué, de há uma boa dúzia de anos para cá, consagraram ao cinema as suas actividades e amores.

Subscreve estas linhas talvez um dos mais antigos do grémio e, com certeza, o menos condigno na excelência do conjunto. A dúzia de anos activos diante da tela branca, contemplando a cavalgada de sombras que lhe prendeu os olhos desde o desfilar romântico dos Valentinos, dedilhando sonatas de amor às exóticas Polas Negris, levaram-no, tempos mais tarde, a lutar, raivosa e aliás inùtilmente, no último reduto em que os «carolas» da Arte Muda tentaram ficar, como D. Sebastião, nesse Alcácer-Quibir em que triunfou vitorioso, o Sonoro.

Vencido e, depois, convencido, continuei servindo a causa que, com som ou sem êle, sempre era, afinal, a do cinema, agora menos arte de museu, mas mais espectáculo de divulgação.

E a cavalgada continuou, talvez mais célere, talvez mais ruidosa e talvez mais rutilante, desde que a tela passou a acender-se dos mil vistosos lumes do tecnicolor, êsse festival de beleza infelizmente ainda tam indiferentemente aceito pelo singular senhor das plateas, vulgarmente cognominado Grande Público.

A cavalgada prossegue e agora a tela está cheia de gente nova, alegre, festiva... É Diana Durbin, Ann Sothern, Gloria Jean, Mickey Rooney... As rainhas de outros tempos, ou de todo se foram a gozar, com os filhos, quando não com os netos, o rendimento dos seus beijos longuíssimos, nos lábios, agora osculados pelos vermes, de John Gilbert, Rudolph Valentino, Douglas Fairbanks, ou uma ou outra, de vez em quando, muito à cautela, após prolongada e prudente cura de repouso, aparece, faz uma fita em que se gastaram mais contos de publicidade do que de película, e depois esconde-se outra vez, à espreita do resultado e estudando se merece ou não a pena reaparecer de novo.

Em doze anos, o cinema, já com quarenta e cinco épocas de inverno cumpridas, mudou muito. Tem agora, por exemplo, uma nova faceta de que então se não suspeitava sequer a hipótese: os milagres de Walt Disney. Dos astros da nossa meninice - cinéfila poucos ou nenhuns hoje existem. O simbólico Tom Mix foi, a seguir ao seu camarada Douglas Fairbanks, também a enterrar.

De tôdas essas recordações de outrora, o «it» de Clara Bow, as covinhas de Laura La Plante, a traquinice de Bebe Daniels, a aristocracia de Florence Vidor, a melancolia de Norma Talmadge, o romantismo de Pola Negri, não representam hoje, para os velhos cinéfilos, mais do que pálidas saudades, aliás ignoradas dos jovens admiradores de Shirley Temple, Elanor Powell, Diana Durbin, Dorothy Lamour, Judy Garland.

Apenas nos ficou, felizmente, ainda de pé (e isso porque êle é tam grande que nem os anos nem as complicações passionais o conseguiram derrubar), o expoente mais significativo da Sétima Arte: o glorioso Charlie Chaplin! Mas, mesmo êsse, agora deu em político...

Sim, porque o universal comediante talvez escusasse de ter perdido o sangue frio e feito «O Ditador»...

JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR

## A CARREIRA DE «REBECCA»

«Animatógrafo» não se cansará de repetir que o cinema, indústria poderosa e elemento imprescindível na vida dos povos, tem resistido às conseqüências tremendas da guerra, marchando triunfalmente, seguro da sua importância.

Ilustrando bem êste interêsse do público pelo espectáculo cinematográfico, está o êxito alcançado em vários países pelo notável filme da United Artists, «Rebecca», produzido por David O. Selznick, uma das mais sérias e esclarecidas competências no campo da produção cinematográfica americana, dirigido por Alfred Hitchcock e interpretado por dois grandes artistas: Lawrence Olivier, o espantoso Heathcliff do «Monte dos Vendavais», e Joan Fontaine, que neste filme se revela como uma das mais sensíveis e inteligentes actrizes americanas.

Em Londres está «Rebecca» a ser exibida no Gaumont Theatre há sete semanas ,com um êxito sempre crescente.

Na América do Sul o êxito com que aquêle filme tem sido recebido é absolutamente invulgar. Em Buenos Aires, há oito semanas que se mantém no cartaz. No Rio de Janeiro e em S. Paulo, o mesmo acolhimento triunfal. No Rio, nos cinemas Luiz e Odeon, esteve duas semanas em cada um, e no cinema Opera de S. Paulo, três semanas, a primeira das quais bateu todos os «récords» de receita daquela casa de espectáculos.

Na Cidade do México, no cinema Alameda, há quatro semanas que se mantém em exibição, batendo também um «récord» de duração no cartaz, pois até agora nenhum outro filme se manteve mais de três semanas. Em Caracas, em Porto Rico, como nos dois primeiros cinemas de Havana, entrou na segunda semana de exibição.

Mas não é tudo. Na Austrália, no Regent e no Embassy de Sidney, há cinco semanas que se conserva no cartaz com receitas extraordinárias. Na Nova Zelândia, esteve quatro semanas, e na Índia, em Bombaim e Calcutá, passou 3 semanas no «écran» do Empire e do Elite. Na África do Sul, «Rebecca» alcançou tal êxito, que foi o primeiro filme que em Durban se exibiu duas semanas.

---

mente, o *Cine-Jornal*, de Fernando Fragoso, último sobrevivente, que a guerra actual matou por falta de papel.

A todos aquêles que, tão corajosamente, procuraram criar antes de nós e connosco uma imprensa cinematográfica, «Animatógrafo» agradece, orgulhando-se de os contar a quási todos entre os seus colaboradores.

### «Animatógrafo» porquê?

Pode causar engenhos que se tenha escolhido em 1940, como em 1933, um nome fóra de moda, que já ninguém dá ao cinema, para designar um semanário cinematográfico com fumaças de moderno. Os filólogos acrescentarão que «animatógrafo» é palavra hébrida, de formação meia latina, meia grega, portanto condenável. Nós diremos que, quando o cinema se chamava «animatógrafo», possuia muitas das qualidades que hoje lhe faltam, e de que o público se deshabituou, donde resultam freqüentes confusões e tremendas injustiças. Como pretendemos lutar nestas páginas por *um cinema mais cinematográfico*, por um regresso ao *classicismo* dos antigos tempos, pela libertação da sétima arte do romantismo dessorado que a ameaça, depois da praga realista, da peste freudiana e do dadaísmo epilético do *non-sense* — não hesitámos em chamar ao semanário «Animatógrafo».

Depois, em «Animatógrafo» há a raiz *anima*, que significa *alma*. E sem alma, em cinema como em coisa nenhuma, não se faz nada de jeito.

### «Bel Tenebroso»

Entre os colaboradores de «Animatógrafo», queremos destacar um, cujo pseudónimo se tornou célebre nas páginas de «Cine-Jornal», onde manteve a mais equilibrada e, sem dúvida, a mais interessante secção de correspondência com leitores que tem aparecido em revistas cinematográficas portuguesas.

E isso não é dizer pouco, pois os portugueses contam alguns dos mais competentes *answermen* — os «homens-resposta» — do cinema. Essa colaboração foi decidida, não só pelo director, mas por todos os redactores efectivos, numa unanimidade indiscutida. Se dissermos agora que figuram na nossa redacção os legítimos detentores de outros pseudónimos famosos, — «Múltiplus», «Homo Sapiens», «Dr. Celuloide», «Prof. Movietone», — a escolha de «Bel Tenebroso» para o consultório de «Animatógrafo» tem um significado especial, tão honroso para êle como para os seus camaradas.

### Tom Mix, R. I. P.

Nenhum verdadeiro amigo do cinema pode ter ficado insensível à notícia da morte de Tom Mix, rei dos vaqueiros do Oeste americano, imperador dêsse mundo de violência, de perigo, mas também de lealdade e de saúde, a que o cinema tanto deve da sua popularidade e também (nunca é demais dizê-lo) do seu movimento e do seu ritmo. Dêsses herois soberbos, verdadeiros Aquiles da mitologia cinematográfica, Tom Mix era decerto o mais integralmente fiel às tradições primeiras. Douglas Fairbanks, que o precedeu na morte, abandonara as cavalarias vaqueiras, os ranchos e os revólvères, por uma espécie de Távola Redonda de fantasia.

William Hart, o Homem-dos-Olhos-Claros, aposentou-se em catedrático de proezas hípicas e de pontarias. Eddie Polo sumiu-se na espessura das próprias sobrancelhas, com os polainitos e o fato aos quadradinhos com que o vimos em Berlim pela última vez. Quanto aos continuadores actuais dessa nobre linhagem — só lá vão com cantoria...

Adeus, Tom Mix! Não sei como foi o teu entêrro. Calculo que tenhas ido numa dessas auto-carretas apressadas, com três parentes velhos e um repórter jovem, que talvez nunca tenha visto o *Tio Paciência*, nem o *Cow-Boy e o Rei*, em que tu, tão generosamente, revelaste Mickey Rooney ao mundo ingrato dos teus antigos *fans*. Mas eu suponho que a tua alma foi direitinha, a cavalo no teu malhado «Malacara», de botas, safões e esporas, seguida por um cortejo de *cow-boys* defuntos, que rolavam nos dedos grossos os chapelões enormes e levantavam com os botins afiambrados uma nuvem de poeira fina, direitinha ao Valhala dos filhos da Aventura.

Adeus, Tom Mix! Repousa em paz.

# CINEMA PORTUGUÊS

## Na Lisboa Filme, Adolfo Coelho termina a sua primeira realização cinematográfica; «PÔRTO DE ABRIGO»

O aparecimento dum nome novo à frente duma realização cinematográfica é sempre, para nós, motivo de regosijo. Para que o cinema português se desenvolva e progrida é indispensável aumentar-lhe o número de possibilidades de acertar isto é: dar aos seus entusiastas ensejo para demonstrarem as suas capacidades profissionais, deixando-os ensaiar a sua própria maneira de ver, desde que ela não seja notòriamente contrária, por desarambelhada ou pueril, àquilo que tanto tempo e tanto dinheiro custou aprender aos outros.

Adolfo Coelho não é, pròpriamente, um nome novo no cinema. Há já doze anos que dirige a secção cinematográfica do Ministério da Agricultura (uma das raras entidades oficiais que dá normalmente à cinematografia um lugar semelhante ao que lhe cabe de direito), e sob a sua direcção têm sido produzidos alguns filmes muito interessantes, embora dum género especial que os afasta da programação corrente.

Entregando-lhe a realização do primeiro filme de entrecho que produz, a Lisboa Filme propôs a Adolfo Coelho um problema difícil: apresentar um filme que saísse da norma habitual, mais ou menos regionalista, do cinema português. O nosso público quere ver artistas portugueses representando os tipos habituais do cinema internacional, enquadrados numa aventura autêntica, sem saloios, nem fadistas, nem campinos, nem bailaricos, nem canções *intensivas*. Isso é difícil, como dissémos. Mas confiamos no engenho de Adolfo Coelho que também é o autor do argumento e dos diálogos de «Pôrto de Abrigo», engenho que tantas vezes tem sido pôsto á prova, saindo-se sempre vitoriosamente, no campo literário. O autor da «Internacional do Dinheiro», da «Internacional do Crime», de «A Grande Ameaça», dos «Bastidores da Grande Guerra», de «Ópio, Cocaína e Escravatura Branca», é uma das nossas raras autoridades nos domínios do secreto, do misterioso e da aventura.

Tudo nos leva a crer que tenha feito de «Pôrto de Abrigo» uma obra equilibrada e empolgante, rodeando hàbilmente as dificuldades que o género apresenta.

As filmagens de «Pôrto de Abrigo», com Salazar Deniz à manivela e F. Quintela no registo do som, começaram a 9 de Setembro. À data em que publicamos estas linhas, o filme pode dizer-se concluído, pois faltam apenas alguns planos de ligação e as sonorizações musicais, a cargo de António Melo e Jaime Silva, Filho.

Os interiores foram tomados inteiramente no pequeno estúdio da Lisboa-Filme, com material eléctrico cedido pela Tobis Portuguesa, que deu assim uma bela prova do alto espírito de colaboração a favor do cinema português que hoje a orienta.

«Animatógrafo» publica, com êste número, um suplemento extraordinário de 4 páginas em rotogravura, onde se dão, pelas imagens e pelo texto, todos os esclarecimentos que o público reclama àcêrca de «Pôrto de Abrigo».

B. F.



ADOLFO COELHO
*visto por Teixeira Cabral*

## VER OUVIR... E FALAR

*A notícia não é nova. Aproveitei jornalìsticamente a oportunidade para me referir a ela, procurando-lhe tirar aquele ar costumado de boato de «café», ainda que me faltassem pormenores. A Tobis Portuguesa e a Lisboa Filme devem fazer um Consórcio que permita sair da inacção que tem caracterizado os anteriores momentos do cinema nacional, arrumando-se os vários problemas, dando-se seqüência aos trabalhos, estabelecendo-se ligações fortes e perduráveis com os mercados estrangeiros — numa palavra — dando-se vida industrial à nossa produção de filmes.*

*A confirmar-se tal união, os que vivem do cinema português — e são tantos! — e o próprio público só terão que se felicitar. Será garantia de trabalho que transformará o estúdio numa oficina completa e que levará o nosso cinema a entrar na tranqüila e normal forma in... perful, com actividade perma... ...izará de ter aquele ar de ...-Deus-quiser, porque os ...idores adqüirirão trabalho ... e, assim, «profissão» — como quem diz, o conhecimento sólido e utilização habitual do seu ramo de actividade.*

### MOMENTO OPORTUNO...

*Não se pode dizer que o Consórcio não venha na sua hora própria. Estamos em bom tempo de «começar definitivamente». Só temos a ganhar com isso. Nem vícios tradicionais, nem público mal habituado. Às vezes, quando se anuncia um novo filme português, supõe-se (e diversos são os elementos que colaboram na propaganda dessa suposição) que vai estabelecer-se definitivamente em Portugal a indústria do cinema e raiar, finalmente, a aurora duma arte cinematográfica nacional. Ora os mais caloiros no ofício sabem a distância que vai da realização de um filme à instalação de uma fábrica de filmes. E essa distância não se mede sòmente em escudos, mas em homens e, sobretudo, em estudo, em organização.*

*Evidentemente que tem sido essa falta de disciplina que tem deitado a perder o nosso cinema. Até aqui não tem passado de uma caixa de surprêsas e de desilusões. Tem-se perdido o tempo a puxar cada um a braza à sua sardinha. Aproveite-se portanto, êste momento para criar um espectáculo nacional útil, não se esquecendo que o cinema é espectáculo de multidões que deve cingir-se a estas duas balizas: contar com a frivolidade inevitável do público e servi-lo, instruindo-o, encaminhando-o, fornecendo-lhe conteúdo feito sôbre a verdade da Vida, ao sabor dos mais elevados princípios do interêsse colectivo.*

### OS INTERÊSSES DOS VIZINHOS

*Claro que muitos julgar-se-ão já prejudicados com êste estado de coisas em perspectiva. Confundirão Consórcio com monopólio. Estão a ver já fechadas as portas do cinema. E como se olhassem para um horizonte pardo, ouriçado de espinhos, armam em vítimas...*

*Pessoa que está no segrêdo dêste assunto diz-nos que o Consórcio não bulirá nos interêsses dos vizinhos. A nossa única fábrica de filmes estará aberta a quem quiser trabalhar. O Consórcio apenas se propõe garantir continuïdade ao cinema português, sem favoritismos e sem transigências. No seu plano, está estabelecida a realização de três filmes por ano. Dentro dêste espaço de tempo, no entanto, trabalhará quem queira. O próprio Consórcio dará a preferência aos que vierem de fora, adiando os seus projectos para datas seguintes, tudo estudado de molde a que haja sempre actividade nas duas quintas do Lumiar.*

*Como se vê, não se trata de monopólio. Trata-se, antes, de uma iniciativa indispensável a que preside o bom senso contra a aventura e o estudo contra a improvisação. Assim, será de lamentar se a união Tobis-Lisboa Filme não fôr por diante, por lhe faltar o ambiente necessário nos meios onde existe o direito de se olhar para estas coisas a sério. Se outro valor não tivesse esta cartada que nos parece decisiva para o futuro do cinema nacional, serviria para congregar valores que andam dispersos ou divorciados uns dos outros neste País pequeno, que parece uma família — uma família que se dá mal, é claro!*

AUGUSTO FRAGA

---

**No próximo número:**

**FERNANDO FRAGOSO**

# VIDA CORPORATIVA

**O cinema é uma actividade nacional organizada corporativamente. O Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema é um do mais antigos, pois existe desde 1934. Conta hoje mais de 1.200 sócios e representa cêrca de 2.000 trabalhadores portugueses. Estão constituídos o Grémio Nacional do Distribuidores de Filmes e o dos Cinemas. Está eleita a comissão organizadora do Grémio dos Produtores. Apesar disso, e por mais estranho que pareça, «Animatógrafo» é a primeira revista de cinema que dedica uma secção à vida corporativa. Nela se relatará o que interesse à actividade sindical e gremial, e se tratarão os problemas da corporação. Circunstâncias especiais asseguram que a secção será, sem dúvida, bem informada. Ao inaugurá-la, o seu redactor saúda o Sr. Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social, o Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, os Grémios e o Sindicato, propondo-se defender nela, imparcialmente, os interêsses legítimos dos trabalhadores de cinema, sejam êles patrões ou empregados.**

## O CASO DO RIVOLI E O DO TRINDADE

### A SEDE DA DELEGAÇÃO NO NORTE DO S. N. P. C.

A inauguração no Pôrto da sede da delegação do Norte do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema deu lugar a uma série de manifestações a que a imprensa diária portuense se referiu largamente e que provaram o alto espírito corporativo que caracteriza a gente dos filmes. Tanto na sessão solene do dia 6 no São João Cine, como no almôço de confraternização do dia imediato, que reüniu mais de duzentas pessoas, as entidades patronais associaram-se de forma iniludível ao júbilo dos seus empregados. O sr. Sub-delegado do I. N. T. P. no Pôrto, dr. Fernando de Matos, salientou, numa alocução brilhantíssima, o significado de tal associação. E disse que considerava êsse facto como prenúncio certo da facilidade que a direcção do Sindicato decerto encontraria para celebrar o contrato colectivo. Ora nós sabemos que o contrato colectivo é, neste momento, a preocupação n.º 1 dos dirigentes do Sindicato. E, tal como o sr. dr. Fernando de Matos, temos as manifestações a que assistimos como óptimo sinal de harmonioso entendimento.

Além disso, o Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema é hoje, aos próprios olhos do Instituto Nacional do Trabalho, uma das organizações sindicais que melhor demonstra quanto pode conseguir a orgânica corporativa do Estado Novo, regida pelo Estatuto do Trabalho Nacional. As suas duas sedes, a de Lisboa e a do Pôrto inauguradas com escassos meses de intervalo, materializam perfeitamente os resultados que se obtiveram em menos de três anos, pela aplicação sistemática e perseverante da doutrina de Salazar.

### O CASO DO RIVOLI

Ainda antes do contrato colectivo já não são poucas nem insignificantes as vantagens obtidas pelo Sindicato para os seus associados e contribuintes. Férias pagas, revisão de horários de trabalho, regularização progressiva do descanso semanal, fiscalização efectiva — mesmo sem falar na carteira profissional, na cotização obrigatória, na classificação oficial das categorias, nem noutras vantagens de ordem geral, tudo tem sido e vai sendo conseguido a pouco e pouco — um pouco e pouco que mais parece muito e muito...

No Pôrto, graças à dedicação do Delegado e dos Adjuntos do Sindicato, e à boa vontade e espírito de justiça da grande maioria dos emprezários, conseguiu-se mesmo que, êste ano, fôssem aumentados todos os porteiros e arrumadores dos cinemas da Cidade Invicta.

Apenas um cinema — o Rivoli — não seguiu ainda o exemplo dos restantes. Mas o mais estranho é que não só não aumentou, como deminuiu o reduzidíssimo salário das suas arrumadoras, que ganham apenas dois escudos (não é gralha: *dois escudos*) por dia, ou seja um escudo por espectáculo.

Note-se que semelhante salário é calculado em tão baixo nível por se contar com as gorjetas dos espectadores, remuneração antipática mas, para tais salários, indispensável, como se vê. E a verdade é que o público cada vez se mostra menos generoso...

Estamos certos de que o empresário do Rivoli não tardará em seguir o exemplo dos seus colegas do Pôrto. Tanto mais que lhe cabem as responsabilidades inherentes ao cargo de delegado do Grémio Nacional dos Cinemas. E nos estatutos de todos os grémios patronais lá vem que a todos os dirigentes, directores ou delegados, *cumpre melhorar por todos os meios legítimos ao seu alcance as condições económicas e sociais do pessoal* que têm ao seu serviço.

### O CASO DO TRINDADE

Desde que terminou o arrendamento do Trindade de Lisboa pela Emissora Nacional, em Julho dêste ano, uma única empreza se habilitou à sua exploração: a empreza Vicente Alcântara, Lt.ª, que explora os cinemas Odéon, Palácio e Royal. Essa empreza, cuja iniciativa e competência no ramo da exibição cinematográfica são notórias, inaugurou, com estreias, a época de inverno. Mas não haviam passado três semanas quando foi intimada a abandonar a casa de espectáculos e a rescindir do arrendamento no prazo de 45 dias. Porquê? Porque a direcção do S. N. dos Artistas Teatrais oficiara ao sr. Ministro da Educação Nacional protestando contra o facto de mais um teatro de Lisboa adoptar a exploração cinematográfica. Resultado: 45 pessoas na rua, pois foram despedidos, como conseqüências do mandado de despejo, todos os empregados (projeccionista, porteiros, arrumadores, etc.) que a empreza Vicente Alcântara contratara.

Mas o mais extraordinário *é que o Trindade continua fechado — não há nenhuma empreza disposta a assegurar a sua exploração teatral, nem companhia formada que esteja ensaiando qualquer peça que ao Trindade se destine!*

A exibição da companhia de bailados portugueses «Verde Gaio», dirigida por Francis, só se destina a uma curta série de espectáculos.

Assim, não percebemos a que veio o protesto da direcção do S. N. dos Artistas Teatrais, a não ser que fôsse ditado por simples raiva cinéfoba.

Além disso, o Trindade já não tem de há muito génerо próprio, pois tem apresentado, nêstes últimos anos, conferências, concêrtos, bailados, variedades, teatro de toda a ordem, e *principalmente cinema*. A ameaça constante de ocupação telefónica que sôbre êle pesa, afugenta capitais, emprezários, artistas — e até o público. Só o cinema, com a sua fôrça e as suas possibilidades únicas se arrisca a suportar os seus encargos.

Pois não se consente que o faça, tirando trabalho remunerado a algumas dezenas de portugueses.

Porque é preciso acabar com a cantiga de que o cinema só dá dinheiro a ganhar aos astros estrangeiros. Os 2.000 inscritos do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema provam o contrário. Os 45 desempregados, quási todos chefes de família, que agora saíram do forno demonstram-no claramente.

Se o teatro em Portugal não marchasse por falta de palcos disponíveis, vá que não vá. Mas o que falta ao nosso teatro não é bem isso: são autores, são cenógrafos, são empresários, são actores. Os que há produzem em série, pintam papel como no tempo da Maria Castanha, vêem-se forçados a dirigir um número excessivo de companhias (?) e deambulam de agrupamento para agrupamento, de palco para palco, de peça para peça, de terra para terra, numa roda viva que mal lhes dá tempo a ouvir o ponto e a borrar a cara, sem se fixarem num género, nem num teatro, nem num público.

Não sobejam nenhuns a quem o Trindade faça falta.

Não percebemos portanto porque motivo se despediu do Trindade um empresário e 45 trabalhadores de cinema. E confiamos que a exposição feita pela direcção do S. N. dos Profissionais de Cinema ao sr. Ministro da Educação Nacional dê ao caso a solução que a lógica e a justiça tornam lógica e justa.

### UM DESPACHO OPORTUNO

Pela Secção de Organização Corporativa do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, foi publicado no «Diário do Govêrno» n.º 240, 1 série) de 15 de Outubro último o seguinte oportuníssimo despacho:

*Para os devidos efeitos se publica que, por despacho de S. Ex.ª o Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social de 15 de Julho último, foi entendido que as infracções ao disposto no decreto-lei n.º 29:931, de 15 de Setembro de 1939, podem constar dos autos de notícia a que se refere o seu artigo 7.º, levantados pela fiscalização do trabalho, e que fazem fé em juízo até prova em contrário,* e podem constar também de quaisquer participações, entre as quais as dos sindicatos, enviadas aos tribunais do trabalho.

*Estas participações são suficientes para se promover a acção penal, nos termos do art.º 16.º e seu § único do Código de Processo Penal, e sôbre elas deve proceder-se sempre a corpo de delito indirecto.*

*Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, 10 de Outubro de 1940. O Secretário,* Pedro Botelho Neves.

Quere isto dizer que o não pagamento da cotização obrigatória que o decreto-lei 29.931 determina, e a que algumas emprêsas procuram fugir, quer declarando menos empregados do que têm, quer não fazendo caso algum e não pagando um chavo, pode passar a acarretar aos infractores sensaborias legais.

Mais vale prevenir que remediar, principalmente em casos como êste, em que o não cumprimento duma lei não tem remédio — nem desculpa.




*—— Consta que o célebre realizador do super-filme lírico-agrícola «Our Bread» vai constituir uma poderosa companhia produtora com o conhecido capitalista cinematográfico Coast Oak, companhia que adoptará a razão social «Miracle Pictures, Incorporated», o que significa, pouco mais ou menos, «Filmes Milagre». A referida firma vai adoptar, em toda a sua publicidade, o seguinte «slogan»: «Se é um bom filme — é um Milagre!»*

*—— Partiu para Miami (Flórida), a-fim de descançar do insano trabalho de cavação do seu sempiterno filme «A Man of the Riverside», o desconhecido realizador Henry Fields.*

*—— Os principais accionistas da «Unique Studio & Malveira, Ltd.» propuzeram ao admnistrador-delegado da companhia, Rod Chicken, um contrato de 2.500 dólares por semana para desempenhar o papel de galã no próximo filme do realizador-pescador Brunius von Ecke, pois está sobejamente provado que êle é muito mais bonito que todos os galãs habituais dos filmes da companhia.*

*—— Nos meios cinematográ[...] bem informados, consta q[...] posta de parte a idéia de r[...] segunda versão (muda) [...] «Auspicioso Enlace», de que [...] vedetas Oliver Martin e Ma[...] Como é sabido, a primeira v[...] (falada) foi desempenhada pe[...] mesma artista e pelo actor Stev[...] Amarant.*

*O HOMEM-SOMBRA*

# A HISTÓRIA DESDE PEQUENINO DE ÓSCAR DE LEMOS



*«João Ratão» popularizou em Portugal inteiro a cara de Óscar de Lemos. Será o seu melhor papel? E, pelo menos, o mais difícil, pelo confronto inevitável com a criação inesquecível de Estêvão Amarante. E Óscar é sempre tão simples, tão humano, tão «cinematográfico», que vê-lo na tela, como na vida, é sempre um autêntico regalo*

## Segundo Gaita da «Aldrabófona», Homem das grandes Soluções, Galã cómico do Cinema Português

No dia 17 de Setembro, há trinta anos, nasceu em Viana do Castelo um miúdo como tantos outros... O cinema então não era nada. E pessoa nenhuma do mundo, daquelas que fazem sempre cálculos de carreira aos recém-nascidos, seria capaz de dizer:

—Aqui está um futuro galã cómico de cinema.

Vinte e cinco anos mais tarde, nem o próprio miúdo, já feito homem e coleccionador de casos espantosos, teria tal sonho.

Todavia era verdade. Naquele dia «nasceu um galã», o mais popular galã cómico do cinema nacional: Óscar de Lemos.

### Como se vive a vida de tôda a gente!

Uma tarde, entre o café e o jantar, pedi a Óscar de Lemos que me resumisse a sua vida. E ouvi, mais ou menos (menos, com certeza, porque tudo quanto se escreve de Óscar de Lemos é sempre menos do que êle conta) o seguinte:

«Olha: até aos dez anos não te sei dizer nada porque sempre sofri de uma grande amnésia. Depois dos dez anos fui viver para o Pôrto, para casa duns tios para... estudar!»

—E o que é que fazias?

«Emfim, subia para os eléctricos, descia dos eléctricos, ia almoçar, sentava-me nas cadeiras mais variadas, em casa, na escola, e nos... eléctricos. Jantava, tinha outros caprichos habituais e no outro dia recomeçava...»

«Um dia fui a um cinema, o primeiro dia, ver a primeira fita... e adormeci. Não tinha queda nenhuma para cinéfilo e adormeci. Depois casei. Casei, não por adormecer, evidentemente... Casei muito mais tarde, quando já há mais de duas dezenas de anos que subia para os eléctricos e descia dos eléctricos. Vim para Lisboa, fui comerciante, perfumista, angariador de seguros».

—Mas sem ser isso que é que fazias?

«O que fazia? Era um cidadão como os outros, que andava, por aí, por aí, por cima de tôda a fôlha e, claro, subia para os eléctricos, descia, etc....»

—Mas não tinhas outro desporto, senão subir para os eléctricos?

«Tinha. Tocava gaita de beiços. E foi por isso que entrei para a «Aldrabófona». E por causa da «Aldrabófona» entrei para o cinema.

### A Sociedade de Geografia... da Trafaria

O leitor talvez não saiba o que foi a «Sociedade de Geografia... da Trafaria». Um grupo de ilutres pessoas da maior categoria social com vontade de andar sempre «na boa disposição». Ora a «Sociedade» queria ter o luxo duma orquestra privativa, uma orquestra que não fôsse vulgar. E P. D. — membro da «Sociedade» conhecia muitos tocadores de gaita. E o Óscar tocava gaita e conhecia o P. D.

Quando a «Aldrabófona» (Orquestra privativa da Sociedade de Geografia da Trafaria) se exibiu pela primeira vez no Rádio Clube Português, Óscar de Lemos era o segundo gaita da «Aldrabófona», a «Oscarita» que apresentava o célebre «Bailado Oriental» e o homem que ia contrariar o Destino.

«Até aos vinte e tantos anos, conta Óscar, fui um triste... Mas, por fim, aborreci-me. Resolvi vingar-me e desatei a andar sempre bem disposto».

Sob a batuta enérgica de Figueiredo Figueira Figueirinhas Figueiroa Figueiral Figueira da Foz Figueiró dos Vinhos (vulgo maestro Aldrabowsky) a orquestra singrou. Ainda se lembram certamente do tempo em que se ficava em casa, à quinta-feira, para ouvir a «Aldrabófona». Nesse tempo o Óscar, em vésperas de ser um popular galã, tinha medo do cinema.

### Precisa-se um «Caçarola»

Um dia, Jorge Brum do Canto que se preparava para realizar a «Canção da Terra», confessou a um amigo que não sabia de ninguém capaz para fazer o «Caçarola».

Trouxeram-lhe um candidato muito tímido e muito envergonhado, um rapaz que no primeiro quarto de hora não falava, no segundo quarto de hora já contava anecdotas e daí para a frente não deixou mais ninguém abrir a bôca senão para rir. O rapaz era o Óscar de Lemos, o que não tinha vocação para o cinema.

Alguns meses depois, em plena ilha de Pôrto Santo, a «équipe» que filmava «Canção da Terra», tinha-se arrastado até ao alto dum monte para filmar um só plano. O sol esteve escondido durante quási o dia inteiro... Mas de repente, através duma nuvem, brilhou; era a altura, a unica, de se filmar a cena. Jorge Brum do Canto, com medo de perder a oportunidade multiplica-se, grita, gesticula, dá ordens. No meio da grande agitação há uma voz que lhe diz baixinho, ao ouvido:

—Eh, pá, deixas-me entrar na fita?

E quási não se filmou porque o J. B. C. só parou de rir dez minutos depois.

Óscar de Lemos já era cinéfilo. Cantor das horas de variedades da Emissora Nacional, artista de teatro, saloio na «Aldeia da Roupa Branca», soldado no «João Ratão», pescador no «Pôrto de Abrigo» — depois de perfumista, angariador de seguros, «bailarina», segundo gaita, cidadão de «andar por cima de tôda a fôlha» — Óscar de Lemos é o homem das grandes soluções.

### Grande solução dum pequeno almôço

Óscar é, como tôda a gente, um pouco supersticioso. Não pode ver um homem com uma mala às costas sem ver o fecho da mala. Detesta o número três e sai sempre de casa com o pé direito (se não sai, volta atrás para sair). E também não lhe corre o dia bem quando o «pequeno almôço» é, na verdade, pequeno.

Uma vez na «Aldeia», filmavam-se as cenas de pancadaria. Óscar só tinha bebido um copo de café com leite. Foi dia célebre... No primeiro plano que filmou, um dos figurantes, desconhecendo o respeito devido aos intérpretes de categoria, estendeu-o no chão com um sôco tal que o obrigou a trazer, como êle diz, «a cara ao peito» durante uma semana.

Desde aí o pequeno almôço do Óscar vai sempre para o estúdio num «embrulhinho» e consta, mais ou menos, de sopa, dois pratos, fruta, pão e vinho.

Com verdade se podia dizer que o Óscar pode ser homem de grandes soluções... mas não lhe dá geito nenhum ser de pequenos almoços.

Quem diria, em 17 de Setembro, há trinta anos, em Viana do Castelo...

E quem dirá agora que só as biografias de Hollywood têm pitoresco e interêsse?...

FERNANDO GARCIA

«ANIMATÓGRAFO» encarrega-se de fazer chegar, gratuitamente, às mãos de todos os artistas portugueses de cinema, as cartas que lhes forem enviadas, ao cuidado da nossa Redacção, para a Rua do Alecrim, 65, 1.º — LISBOA

# NOTICIAS DE HOLLYWOOD

## VEM AÍ CARMEN MIRANDA!

Carmen Miranda, nossa simpática compatriota e celebrada cantora de sambas e modinhas brasileiras, que o ano passado, durante a feira de New-York viu o público desta cidade a seus pés quando os irmãos Schubert a fizeram aparecer, com um êxito sem precedentes no teatro e na rádio, interessou, como não podia deixar de ser, os produtores da Califórnia. Assim, ela é o grande cartaz do filme-musical, em tecnicolor, que a Fox há pouco concluíu **Down Argentine Way**, realizado por Irving Cumminggs e interpretado por Don Ameche, o simpático intérprete da «Vida de Graham Bell», a engraçada Charlotte Greenwood, há muito afastada dos estúdios e a escultural Betty Grable, aquela formosíssima rapariga que se apressou a divorciar-se de Jackie Coogan quando o soube sem vintém...

Carmen Miranda, em quem os caracterizadores de Hollywood operaram milagres, canta naquele filme as canções «South American Way», «Bambú», «Mamãe eu quero», «Touradas em Madrid».

## GINGER DE CABELOS PRETOS!

Depois de «Primrose Path» que Gregory La Cava dirigiu para a R. K. O. e em que Ginger tinha um papel dramático, vivendo a figura duma modesta rapariga a quem os pais maltratavam, criada dum café do pôrto de S. Francisco, está agora a simpatiquíssima «glamour-girl» interpretando para aquela mesma companhia e dirigida por Sam Wood ( o enscenador de «Mr. Chips») o filme **Kitty Foyle**, que nos conta a história duma rapariga tipicamente americana. Com ela aparecem Dennis Morgan, um novo galã, Ernest Cossart e Eduardo Ciannelli. Ginger Rogers, que em «Primrose Path» nos aparece modestamente vestida e de trancinhas, volta neste seu novo filme a usar com a elegância que lhe é peculiar os seus habituais vestidos luxuosos e a aparecer com o seu celebrado penteado. Apenas a linda cabeleira loira foi aqui substituída por uns belos cabelos negros...

Modesta ou elegante, bailarina ou artista dramática loira ou morena, Ginger Rogers é sempre uma comediante notável, sem dúvida uma da mais sensíveis actrizes da actualidade.

## A VOZ DE DEANNA DURBIN NOS HOSPITAIS DE INGLATERRA




Um soldado canadiano sugeriu a Deanna Durbin, canadiana como êle (como são canadianas Norma Shearer e Mary Pickford, que foi, antes de Deanna, a Noiva do Mundo), uma idéia simpática, que a estrelinha da Universal logo pôs em prática: enviar à Cruz Vermelha inglêsa uma colecção dos seus famosos discos. A nossa gravura mostra a protagonista de «O Primeiro Amor» (First Love), — que os Filmes Alcântara já apresentaram no Pôrto e em Dezembro apresentarão em Lisboa — ao lado dum grande pacote de quinhentos discos, com as suas mais lindas canções, que serão distribuídos pelos hospitais inglêses. Mais uma vez o cinema, mensageiro da paz, contribuiu para fazer esquecer os males da guerra...

## UM NOVO «SINAL DE ZORRO»

«O Sinal de Zorro», essa obra prima do cinema, que ficou como um dos seus indiscutíveis «clássicos», prodígio de movimento e de aventura, de graça e de «panache», e em que a admirável interpretação do saudoso Douglas fizera dêle um filme inesquecível — os cinéfilos da primeira hora lembram-se, por certo, de o terem visto há uns quinze anos no «écran» do Tivoli — foi de novo levado ao cinema. Da história apaixonante de Johnston Mc Culley tirou agora a Fox **The Mark of Zorro**, que Rouben Mamoulian dirigiu, com Tyrone Power, Linda Darnell, J. Edward Bromberg, Basil Rathbone, Eugene Paulette, Gale Sondergaard nas personagens outrora criadas por Douglas Fairbanks (figuras de «Don Diego Vega» e «Zorro»), Marguerite de La Motte (Lolita Pulido), Robert Mac Kim (capitão Ramon), Noah Beery (sargento Pedro), Walt Whitmann (padre Filipe), Claire Mac Dowell (a mãe de Zorro), dirigidos, por sua vez, por Fred Niblo, o homem que depois faria «Ben Hur».

Oxalá nesta nova versão possam os cinéfilos de hoje experimentar a sensação de deslumbramento e a emoção dos que, em 1925, tiveram a dita de ver Douglas traçar, à ponta de espada, na cara do capitão Ramon e do sargento Pedro o famoso Z, sinal de cobardia e de deslealdade, e conquistar depois o coração sensível de Lolita Pulido!

## JEANNETTE & ESPOSO EM «SHOW BOAT»

**Show Boat**, a famosa opereta de Jerome Kern vai de novo, e pela terceira vez desde o aparecimento do sonoro, ser levada à tela. É a Metro que a vai produzir, com Jeannette Mac Donald e Nelson Eddy, popularidade continua imbatível, pelo menos nos Estados Unidos. A título de curiosidade, diremos que a primeira versão foi interpretada por Laura La Plante e John Boles e não foi apresentada em Portugal, e a segunda por Irene Dunne e Allan Jones, com o actor negro Paul Robeson cantando o célebre «Old Man River», tendo passado no Politeama há uns quatro anos com o título de «Magnólia».

## MAY MAC AVOY VOLTA AO «ÉCRAN»

May Mac Avoy, que nos últimos tempos do cinema silencioso era uma das vedetas mais populares — todos se lembram ainda dela em «BenHur» — abandonou os estúdios depois de ter sido não só a intérprete do primeiro filme sonoro (O Cantor de Jazz», de All Jolson), como também a primeira figura feminina do primeiro filme totalmente falado, «The Terror», que nunca foi exibido em Portugal. May Mac Avoy, casada com o milionário Maurice Cleary, um dos magnates da indústria da celofane, assinou com a Metro um contrato de longo prazo, não se sabendo, no entanto, qual o seu primeiro filme para aquela companhia.

## FITAS NA FORJA

*Nesta secção daremos tôdas as semanas os nomes originais dos principais filmes em execução nos estúdios de Hollywood.*

● **Flotsam**, segundo a novela de Erich Maria Remarque, com Margaret Sullavan, Frederic March e Frances Dee. Realização de John Cromwell. United Artists (Sonoro Filme).
● **Mr. and Mrs. Smith**, com Carole Lombard, Robert Montgomery, Gene Raymond e Jack Carson. Dirigida por Alfred Hitchcock. R. K. O. (Rádio Filmes).
● **Chad Hanna**, interpretado por Henry Fonda, Dorothy Lamour, Linda Darnell, Guy Kibbee, Jane Darnell, John Carradine e Roscoe Ates. Direcção de Henry King. Em tecnicolor. Fox.
● **South of Suez**, com George Brent, Brenda Marshall, Geraldine Fitzgerald e George Tobias. Realização de Lewis Seiler. Warner (S. I. F.).
● **A Litle Bit of Heaven**, com a pequena cantora Gloria Jean, Hugh Herbert, C. Aubrey Smith, Stuart Erwin, Nan Grey, Eugene Pallette, Billy Gilbert, Charles Ray, Noah Beery, Maurice Costello, Monte Blue e Frank Jenks. Dirigida por Andrew Marton. Universal. (Filmes Alcântara).
● **The Bad Man of Wyoming**, com Wallace Beery e Ann Rutherford. Metro Goldwyn Mayer.
● **Rhythm on the River**, com Bing Crosby, Mary Martin, Basil Rathbone, Oscar Levant e Lillian Cornell. Realização de Victor Schertzinger. Paramount.


1




3


4


5


6

## EIS OS INTÉRPRETES DAS «VIAGENS DE GULLIVER»

1 — Twincletoes, a pomba mensageira.
2 — Snitch, espião do Rei Bombo.
3 — Sneak, outro espião do Rei Bombo.
4 — Gulliver.
5 — Soldado de Liliput.
6 — Gabirú, pregoeiro de Liliput.
7 — Soldado da Guarda do Palácio do Rei Mínimo.
8 — Rei Mínimo, monarca do reino de Liliput.
9 — O mestre alfaiate que dirige a confecção do trajo de Gulliver.
10 — Rei Bombo, monarca do reino de Blefuscu.

É um filme da
**PARAMOUNT**
produzido por **Max Fleischer**


7


8


9


10




*A primeira página da «Noite», no dia da chegada de Tereza e Arthur, deu quási mais importância ao acontecimento que às notícias da guerra. Os outros dois recortes também são de primeiras páginas. E toda a Imprensa carioca fez a mesma coisa. O Brasil recebe assim os portugueses!*

# De regresso do Rio e de HOLLYWOOD ARTHUR DUARTE e TEREZA CASAL contam-nos a sua viagem maravilhosa

Tereza Casal e Arthur Duarte chegaram há dias a Lisboa, vindos de Nova York, a bordo do «Excalibur». Depois dum cruzeiro de dez meses — saíram de Lisboa em 17 de Janeiro — Tereza e Arthur trazem, como se calcula, um mundo de impressões e de novidades do maior interêsse cinematográfico, novidades e notícias do Brasil, Panamá, Cuba, México e Hollywood.

«Animatógrafo» não podia deixar de levar os seus leitores até à presença dêste simpático casal de dois servidores e apaixonados do Cinema, porque os servidores do Cinema não podem deixar de ser apaixonados da sua profissão.

Tereza, que traz nos cabelos a côr da última moda «hollywoodenses», está cada vez mais bonita. Fala-nos, claro, de modas, dos ambientes, da vida... Arthur Duarte, com o típico dinamismo, o clássico à vontade» de quem não vê dificuldades e já viu meio mundo, insiste nos pormenores da organização industrial, fala com entusiasmo de como e quanto se produz, da fé que tem no seu futuro cinematográfico.

Estão os dois na nossa frente.

### O BRASIL NÃO SE PODE ESQUECER!...

ANIMATOGRAFO — Pela data da vossa partida, creio que chegaram ao Brasil em pleno Carnaval, no famoso Carnaval do Brasil. Não foi assim?

ARTHUR — Não foi, infelizmente...

TEREZA — O amabilíssimo comandante do barco ainda ordenou marcha a toda a fôrça. Foi uma autêntica caça ao Carnaval... Mas só conseguimos apanhar, em Pernambuco, a Quarta-feira de Cinzas.

ARTHUR — Não julgues, porém, que foi uma desilusão. Para compensar a falta do Carnaval havia a amabilidade dos brasileiros que nos prepararam uma recepção sensacional em tôda a parte e sob todos os aspectos, recepção que foi crescendo, crescendo, até à coroação — que para nós foi uma apoteose — de tôdas essas gentilezas, com a nossa chegada à maravilhosa cidade do Rio.

Eu sabia que era, dos meus tempos na Ufa, conhecido como actor no Brasil; a Tereza tivera, pouco antes, a estreia dos «Fidalgos»...

TEREZA — ...mas não esperávamos tanto e nunca poderemos pagar à imprensa brasileira, em especial à «Noite» e ao «Globo» o que fez por nós.

ANIMATOGRAFO — A «Noite», quando da vossa chegada, dava à reportagem do acontecimento maior relêvo quási do que à guerra e outros assuntos...

TEREZA — Exactamente. E creia que isso retrata o ambiente em que fomos recebidos. O Brasil não se pode esquecer!...

### O CINEMA NO BRASIL

— Como orientaste a tua actividade cinematográfica no Brasil? — preguntámos a Duarte.

— Quando da minha chegada ao Rio tôdas as grandes casas produ-[...]rasileiras trabalhavam. Adelonzaga tinha a produzir-se, [...] dos estúdios da sua companhia, a «Cinédia», «Pureza», em [...]balhavam os nossos compa[triotas] Chianca de Garcia como [...]dor, Aquilino Mendes, ope[ra]dor, Fernando de Barros, carac[teriza]dor, e, ainda Hipólito Colon[...], e Manuel Rocha, assis[tente] [...]eral, que também são por[tugueses]. Tinha, pois, à sua volta, [um gr]upo de técnicos muito hábi[...] e trabalhava-se a valer. [...] Santos — outra portu[guesa] — proprietária e animadora [da Bras]il-Filmes, avançava a lar[gos] [pa]ssos com a «Inconfidência [Mi]neira». Raul Roulien, que o público não esquece, tinha [...] o seu estúdio ocupado. [...] Raul Roulien, acrescenta [...] é um extraordinário amigo [dos p]ortugueses. E' duma amabili[dade] e gentileza encantadoras. [...] de Portugal com um entu[siasmo] e interêsse que desvanecem. [...] isto, que não pode [deixa]r de saber bem aos nossos [...] por toda a parte por onde [...], em tôdas as terras em que [...] sempre contou portugueses [entr]e os seus melhores camaradas. [...], continua Arthur Duarte, [...] Roulien estava ocupado. [...]orma que, depois de algumas [...]s e mercê de oferecimen[tos] que me tinham feito, resolvi [...] a via oficial e pensei na [rea]lização do «Duque de Caxias», [...] a obra do grande erudito e [...] escritor militar brasi[leiro] [...] meu grande amigo, major [Afon]so de Carvalho. Posso dizer-te [...] submetida à idéia apreciação [do] Ministério da Guerra, contáva[mos] já com a simpatia dêste or[ganis]mo. E os preparativos mar[chav]am. Aconteceu, porém, que o [maj]or Afonso de Carvalho veio a [...], por causa das Festas Cen[tená]rias. E estávamos assim, em [...] dêste problema — aguardar os [...] que fôssem necessários ao re[gresso] do major Afonso de Carva[lho]. A perspectiva não nos agra[dava] [...]mito e hesitava na solução [...] me surgiram duas saídas: [...] proposta pelo grande produ[tor] [arg]entino Carlos Lugandia, da [...]-Filmes, que nos levava [a] Buenos Aires; outra, que me [...]pava duma viagem de colo[caçã]o de filmes, viagem que nos [...] através da Venezuela, Co[lômbi]a, Bolívia, Panamá e México. [...]ávamos a 48 horas de Hol[lywoo]d — esclarece Tereza.

[...] claro, continuou Duarte, que [...] hipótese era uma tentação. [...] tentação venceu, como não [...] deixar de ser, ou não fôsse[mos] nós apaixonados de cinema.

— Quantos meses passaram no [Bras]il? — preguntei.

— Quatro, respondeu Tereza. Qua[tro me]ses em que não nos cansá[mos] de admirar a beleza do Rio e o dinamismo da gente brasileira. Tivemos muita pena de não ver trabalhar a actriz Dulcinia, que andava, então, na Argentina. Vimos, no entanto, uma revista muito bem montada e actuar o grande Procópio.

### E SOBRE CINEMA...

— Qual o sintoma mais evidente do cinema brasileiro?

— Os brasileiros estão a enriquecer os seus estúdios activamente, o que deixa prever um aumento de produção e uma subida de qualidade.

— E quanto ao mercado para os filmes portugueses?

— O mercado assenta evidentemente, na colónia portuguesa. O brasileiro, em geral, não vai ao filme português e, também, não vai ao brasileiro como o nosso corre ao cinema nacional. A fita preferida é a americana. Mas é susceptível a canalização dos brasileiros para o nosso cinema se êste lhe oferecer características que o aproximem do americano, como já hoje tentam as organizações da América do Sul espanhola. Mas é evidente que a base do mercado no Brasil continua e continuará a ser a colónia portuguesa e é uma óptima base. Simplesmente a colónia portuguesa não gosta do filme regional pelas razões que já todos os elementos da indústria conhecem. E a verdade é que nós continuamos a insistir nesta característica. Torna-se, quanto a mim, necessário encontrar uma fórmula que não esqueça a parte brilhante que o público português do Brasil pede.

— Houve um jornalista que, em tempos, falou da necessidade de legendas nas fitas portuguesas a exibir no Brasil. Que te parece?

— Não me parece nada. Isso não passou, certamente, duma piada para a base de calão e regionalismos do diálogo das fitas portuguesas. O brasileiro não entende certas particularidades dos nossos falares locais como nós, lisboetas, não entendemos, às vezes, certas piadas dos portuenses e vice-versa. O brasileiro percebe o português correcto. E' necessário, pois, nas fitas portuguesas, português correcto. Outro ponto ainda a atender, e êste não só por causa do Brasil mas duma forma geral, é a articulação, a dicção dos nossos actores.

### O RAPTO DOS NOSSOS TECNICOS, E FAGIM?

ANIMATOGRAFO — Diz-me, Arthur Duarte, é de temer que o cinema brasileiro, com as suas crescentes necessidades, atraia os nossos técnicos, deixando a indústria nacional desprovida?

ARTHUR DUARTE — Sinceramente, creio que sim! O cinema brasileiro prepara-se, como disse, para avançar a grandes passos. Por um lado, há várias companhias, há, pelo menos três, que podem contar grandemente e isto provocará uma rivalidade que é estímulo. Todas as emprêsas se apetrecham. Por outro lado, saiu agora a lei de protecção ao cinema brasileiro que fixa um contingente inicial bastante elevado de filme sonoro brasileiro a exibir obrigatòriamente.

Por outro lado, ainda, é possível que os nossos técnicos consigam no Brasil um nível de vida mais elevado. Finalmente, como sabes, o acolhimento dispensado aos nossos rapazes foi do melhor possível. Quando cheguei ao Brasil havia, à volta de Fernando de Barros e Aquilino Mendes, que tinham sofrido um desastre dias antes, um movimento de atenção e de simpatia verdadeiramente cativantes. E, depois, repara — Chianca de Garcia com as suas qualidades de realizador e director de produção, Aquilino Mendes, um dos nossos melhores operadores, e Fernando de Barros já marcharam. António Villar prepara-se, também, para partir. Estes dois últimos são os nossos melhores caracterizadores.

ANIMATOGRAFO (que enquanto ouvia se lembrava dos que têm partido, a modos de quem dá um tiro de lanço e foi, de repente, assaltado por um nome) — E Fagim, soubeste alguma coisa dêle?

ARTHUR DUARTE — Não, nada. Ninguém sabe. Fala-se vagamente de ter sido professor lá para o interior, mas não se sabe nada...

(Conclui no próximo número)

P. G.

*Estas fotografias tiradas por Arthur Duarte provam que*

### HOLLYWOOD TAMBEM TEM UM DUARTE!




*O Duarte de lá não é português. Dirige um Instituto de Beleza em pleno Hollywood Boulevard. Tereza Casal foi lá restituir o cabelo à sua côr de nascença. Mas não lhe chamos «engraçadinho», é claro! Tereza disse-nos:*



### «O ESTÚDIO DE CHARLOT É UM AMOR!»



*Mas acrescenta que só o viu por fora. Isto diz da honestidade com que nos conta a sua viagem, que seria um pretexto para mentiras lindas, desculpáveis até, noutra que não fôsse ela. Mas nem Arthur nem Tereza precisam de mentir. Esta fotografia de*

### DUARTE EM FRENTE DO GRAUMAN'S



*Chinese Theatre, o cine mais célebre do mundo, mostra-nos o nosso companheiro de sonho e de trabalho em pleno coração da capital do cinema. Arthur Duarte ganhou bem o direito de ir lá primeiro que qualquer de nós.*

## A SIF VAI APRESENTAR BREVEMENTE DOIS FILMES REVELADORES



*«ESCOLA DA VIDA» (Crime School) é um poderoso filme de costumes americanos, em que se debate o palpitante problema da sua mocidade, cativada pelo crime. O grupo inesquecível dos jovens intérpretes das «Ruas de Nova York» (Dead End), vai empolgar-nos novamente com a sua espantosa naturalidade, tão humanamente bela.*



*«ALCATRAZ» é o nome da penitenciária onde os mais perigosos inimigos públicos da América expiam os seus crimes — e o nome do outro filme emocionante da SIF, com Ann Sheridan (a rapariga do Compb), John Litel, Wladimir Sokoloff e Mary McGuire, que os cinéfilos e o público vão admirar brevemente em Lisboa e no Pôrto.*

# A FEIRA DAS FITAS

## «A COMÉDIA DO AMOR»

Reside a graça e o agrado desta comédia, saída dos estúdios da Warner Bros e realizada por Archie L. Mayo, numa originalidade do argumento e na interpretação das quatro principais personagens, entregues a Leslie Howard (que faz um actor teatral que passa a vida a representar, misturando as cênas e as tiradas das peças com as situações em que se vê metido), Bette Davis (a companheira no palco e na vida do nosso actor, sempre zangada e apaixonada), Olívia de Havilland (uma admiradora do actor que pretende deixar tudo para o seguir) e Eric Blore (um criado que à fôrça de aturar o actor já se identificou à maneira de ser do patrão e vela pela sua pureza de acções... quanto é possível).

Dois esclarecimentos entendemos, no entanto, dever fazer: Primeiramente, escrevemos muito propositadamente «uma» originalidade do argumento. As situações, nêste, são correntes, vulgares. O que é original e notável é a maneira como as quatro personagens, e muito em especial o protagonista, misturam as peças com as situações da vida. E daí resulta o efeito humorístico da anedota.

Depois, quanto à interpretação, parece-nos que seria errado distinguir, por qualidade, o trabalho de Leslie Howard do de Bette Davis ou Olivia de Havilland. A interpretação destas é, também, muito boa. Simplesmente o actor está, digamos, constantemente em cêna, enquanto que a passagem das duas mulheres é mais episódica. Leslie Howard mostra-se, mais uma vez, o intérprete ideal para as personagens que pairam um pouco acima da objectividade quotidiana, dos que têm sempre um pé no semi-sonho. Bette e Olivia nunca são inferiores quando contracenam com Leslie, e há até no trabalho de ambas momentos deveras excepcionais. Apontamos a Olivia de Havilland o entusiasmo e nervosismo da sua «Marcia» quando vê em casa o actor «Basil». E Bette dá notàvelmente a ironia das cênas finais em que «Joyce» resolve vingar-se da traição de «Basil». E não admira, porque é hoje da meia duzia das maiores actrizes do mundo.

Realização, montagem e cenários, dentro do valor modelar da produção americana de bom nível. Porque também há produção «corrente» americana que não presta. E convém distinguir. — F. G.

## «A VERDADEIRA GLÓRIA»

Ao produzir êste filme Samuel Goldwyn teve em mira repetir o êxito alcançado por «Lanceiros da India», embora não pretendesse igualar a sua categoria nem atingir o seu apuro técnico e espectacular.

Assim lançou mão a dois dos elementos que mais contribuiram para o agrado do modêlo — Gary Cooper e o director Henry Hathaway — e arranjou equivalências satisfatórias para o resto, a começar num argumento de idêntico traçado (ambiente exótico, tropa «civilizadora», nativos ferozes e traiçoeiros, lances intensos, episódios movimentados, heroismo, abnegação, pitoresco) — e a acabar na figura interpretada por David Niven (o tenente McCool), que corresponde inteiramente à dêsse outro jovem oficial dos lanceiros de Bengala que Franchot Tone criou com tanta felicidade no filme acima citado.

Depois da diferença de nível entre as duas produções, é a mudança do local da acção o que mais as separa e distingue: em vez das montanhas do Punjab, na India, temos desta vez as ilhas do arquipélago filipino — e essa substituição permitiu creditar aos Estados Unidos, e não à Inglaterra, os benefícios da «propaganda colonial» contida na história que o filme narra aos espectadores.

Algumas das suas peripécias são francamente bem achadas e regularmente descritas, como o assassínio do coronel Hatch pelo «ajuramentados», a «vacina» dos filipinos contra o mêdo por meio do susto pregado com uma pele de porco a um dos seus inimigos muçulmanos, e especialmente as cenas finais, «mexidas» com certo brio — com o brio bastante para entusiasmar os espectadores e para explicar o indiscutível êxito popular do filme.

No desempenho destacam-se Gary Cooper e David Niven; os restantes intérpretes são Andrea Leeds, Reginald Owen, Kay Johnson, Broderick Crawford e Wladimir Sokoloff, êste numa inenarrável composição de vilão filipino.

O argumento é de Charles L. Clifford e foi adaptado por Jo Sterling e Robert Presnell. Alfred Newman compôs a música. Quanto à fotografia assina-a o excelente Rudy Maté, mas não se pode avaliar a sua qualidade por ser em contra-tipo a cópia exibida. — D. M.

## QUADRO DE HONRA

*Nos filmes exibidos em Lisboa na ultima semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que nêles merece admiração especial.*

**«A COMÉDIA DO AMOR» (SIF) — A personalidade original da figura do protagonista — A interpretação de LESLIE HOWARD (Basil Underwood), OLIVIA DE HAVILLAND (Marcia West) e BETTE DAVIS (Joyce Masden).**

**«A VERDADEIRA GLÓRIA» (Sonoro Filme) — O sentido popular do entrecho, principalmente das cenas finais.**

**«O DESPERTAR DUMA CIDADE» (Fox) — Os grandes conjuntos do pôrto de Nova York — O «clou» final e a primeira cena de pancada — A idea de terminar cada cena com um «gag».**

**«O MONTE DOS VENDAVAIS» (Sonoro Filme) — A interpretação de MERLE OBERON (Cathy) — A interpretação de LAWRENCE OLIVIER (Heathcliff) — A fotografia de GREGG TOLAND — A adaptação cinematográfica do romance original por CHARLES MAC ARTHUR e BEN HECHT — A encenação de WILLIAM WYLER — O acompanhamento musical de ALFRED NEWMAN — A interpretação de FLORA ROBSON (Helen).**

**«NINOTCHKA» (M. G. M.) — A interpretação de GRETA GARBO — A realização de ERNST LUBITSCH — O argumento, segundo uma novela de MELCHIOR LENGYEL, a planificação e o diálogo de CHARLES BRACKETT, BILLY WILDER e WALTER REISCH — A interpretação de MELVYN DOUGLAS (Conde d'Agoult) — A interpretação do terceto «bolchevista», SIG RUHMANN (Yranoff), FELIX BRESSART (Buljanoff) e ALEXANDER GRANACH (Kopalsky).**

## «O DESPERTAR DUMA CIDADE»

Os americanos encontraram ajustado meio para evocar o esfôrço enérgico dos que têm procurado engrandecer os Estados Unidos: fazer viajar o público pelo passado nas salas escuras dos cinemas. Cecil B. de Mille, Frank Lloyd têm-se igualado nessa tarefa, ligando os seus nomes a certos filmes com aspectos de epopeia, que fizeram escola, marcando nitidamente a personalidade dêsses realizadores — dirigentes de multidões, criadores de «clous» espectaculosos.

Henry King enfileira, também, ao lado dêsses homens de cinema com «O despertar de uma cidade». É certo quo não é a primeira vez que tal assunto tem as honras do «écran». O esfôrço heroico dos que impuseram a navegação a vapor passou já nas telas brancas interessando o público num espectáculo, como aquele da Paramount com o jovem Douglas Fairbanks Junior. Dessa vez, porém, o sonho era de maior grandeza: tratava-se da conquista do Atlântico. Aqui, há apenas o sonho e aspiração de um inventor que luta até que o seu brco de rodas suba o Hudson para engrandecimento de Nova York, pequenina cidade que vive, então, debruçada á beira de água, espreitando o horizonte através de uma densa floresta de mastros e de velas...

Se dissermos que não é o argumento que atesta o êxito dêste filme, é porque êle vive mais dos variadíssimos recursos de realização, tais como o movimento de grandes massas, espectaculosidade de ambientes, defêsa técnica de bons momentos (lembramos, por exemplo, o achado final e aquela emocionante cêna de pancadaria), passagens que doutra forma poderiam parecer falseadas, tanto mais que, por vezes, os personagens têm semelhanças com outros de filmes do mesmo género.

O «cast» reúne nomes sobejamente conhecidos das platéias. À frente dêles destacamos Fred Mac Murray, Richard Green (o galã que a «Fox» inventou para rival de Robert Taylor...) e Alice Faye, que nos parece sempre bonita. São êles que animam a história sentimental que se desenrola à margem de alguns momentos culminantes do filme, como os apontados, e que na realidade valem o espectáculo! — A. F.

## «O MONTE DOS VENDAVAIS»

Tenho pena que a palavra *empolgante* não tenha sido inventada por mim, para a empregar pela primeira vez na crítica ao *Monte dos Vendavais*». A-pesar-do gasta e regasta em tanta fiteca de terceira ordem, nego-me a procurar outra para classificar o filme de William Wyler, pedindo apenas ao leitor que desta vez a tome a sério, tal como tomou a sério (a ponto de se queixar) a adaptação cinematográfica do romance de Emily Brontë.

Embora *Wuthering Heights* seja uma das mais poderosas obras da literatura mundial no século XIX, não dávamos nada pela cartada de o transpôr para o cinema, pois não há canudo cinematográfico mais comprido que tentar prender as platéias com filmes aparentes de certos romances de Camilo, em que há frases como esta: «Mas ai! Não ficavam por ali os tormentos da pobre menina!...» Mas a soberba adaptação de Mac Arthur e Ben Hecht, condensando numa só tirada o que, no livro, leva duas gerações a resolver, deu ao filme tais proporções, que o equilíbrio instável entre a estopada e o ridículo que receávamos se transformou num espectáculo verdadeiramente excepcional. A infância, aos amores e à vingança de Heathcliff fica o cinema devendo uma das suas melhores obras.

Por ela passa, dramatizado até à dôr física, o mesmo sôpro de fôrças naturais desencadeadas que deram rasgos de epopeia a certos filmes de Jean Epstein (*Pescadores de Sargaços*) e de Flaherty (*The Man of Aran*). Mas, aqui, no *Monte dos Vendavais*, a tempestade manifesta-se principalmente nas almas, e os fenómenos naturais cedem o passo a outros de ordem sobrenatural, em que as paixões se prolongam para além da vida e da morte.

Tudo contribui para criar a atmosfera mais propícia à *manifestação* de tais fenómenos: a interpretação, o arranjo cénico, a fotografia, o acompanhamento musical.

Merle Oberon e Lawrence Olivier dominam todo o filme. A australiana tem em Cathy a sua primeira grande criação. A-pesar-do poder quási hipnótico que Olivier imprime à sua personagem depois do regresso, prefiro a interpretação de Merle, por certos aspectos... *frankensteinicos* que Olivier dá a algumas cenas, na primeira parte. Mas as cenas no «castelo» dos rochedos e a cena da morte de Cathy são inolvidáveis.

Todos os mais vão admiràvelmente; mas é justo distinguir Flora Rbson, na criada. A fotografia de Gregg Toland bem mereceu o primeiro prémio da Academia de Hollywood, que lhe foi atribuído. O acompanhamento musical de Alfred Newman está tão acima de todos os louvores, como a maneira como o *Monte dos Vendavais* foi apreciado na imprensa diária está abaixo de todas as críticas. O público, já se

**As críticas de «ANIMATÓGRAFO» são feitas por António Lopes Ribeiro, Domingos Mascarenhas, Augusto Fraga e Fernando Garcia**

deixa ver, não ligou nenhuma, e fez muito bem.

Quando terminará êsse triste espectáculo? — A. L. R.

## «NINOTCHKA»

Não sei — nem quero saber! — de ninguém que não tenha ficado deslumbrado com o esfusiante espectáculo de espírito que *Ninotchka* nos oferece, resultante dum dos doseamentos mais felizes que temos visto num ecran. Lubitsch é sem dúvida o homem do cinema que melhor conserva a sua «forma», na acepção desportiva da palavra.

Tão brilhante na *Princesa das Ostras* de 1920 como na *Ninotchka* de 1940, habituou-nos durante vinte anos de trabalho ininterrupto à sua mão segura — segura e love. Mas em *Ninotchka*, ultrapassa-se! Nem mesmo no famoso *Leque de Lady Margarida* que os antigos frequentadores do Tivoli de-certo não esqueceram, Lubitsch foi tão fabulosamente servido pelos fados. Em *Ninotchka*, a idea e a forma, agora tomada no sentido estético, completam-se tão perfeitamente, que chega a parecer impossível.

É a veia satírica de Lubitsch, tão diferente da de Charlie Chaplin, atinge nesta sua comédia culminâncias idênticas às que o génio israelita procurou em vão atingir em *Tempos Modernos*. Basta comparar os dois cortejos comunistas. O de Charlot é um cortejo que se forma por engano (lembram-se?), só porque o pobre *Schlemil* pretende restituir uma bandeira vermelha perdida por um camion. O de Lubitsch é a reconstituição duma parada de *comsomols* na Praça Vermelha de Moscóvia. Reconstituição *rigorosa*, como é rigoroso tudo o que nos mostra da U. R. S. S., pois já lá estive e posso garanti-lo. Mas a Lubitsch basta criar artificialmente uma cena de documentário, para provocar, irresistivelmente, o riso.

Nem precisa de carregar a nota, de sublinhar descaradamente os seus efeitos segundo o prisma burguês. Vai buscar os ridículos e os pôdres exactamente onde estão e mostra-os exactamente do tamanho que são. Mas mostra-os *tão bem*, que não conheço libelo mais derreante nem surra mais completa nos pândegos da Soviécia.

Pôsto isto *(Politique d'abord!...)* — sobeja Greta Garbo. Tão grande, tão espantosa actriz, que nos momentos em que mais nos fez rir, francamente, honradamente, sem as amarguras de ricochete e os remorsos filosóficos que o sr. Chaplin trata sempre de fazer fermentar no nosso fôro intimo, nos momentos em que mais nos fez rir — comoveu-nos. Comoveu-nos pela sua arte admirável, pela sua prodigiosa criação da mulher que se ignora, ou antes: que se esconde dentro duma receita política, feita da mais convencional e estulta verborreia tecnológica e estatística; como uma borboleta num casulo. Oh! Aquele gesto inimitável de mostrar o ferimento na nuca! Aquele desabrochar, a um tempo rude e frágil, dos seus sentidos de mulher! Aquele ciume! Aquela bebedeira!... Porque quando lhes perguntarem qual é *a única* actriz do mundo capaz de se exibir com uma carraspana de caixão à cova, daquelas de andar de gatas, sem perder um miligrama da sua beleza e sedução respondam sem hesitar: Greta Garbo.

Melvyn Douglas e os três actores alemãis que desempenham os impagáveis bolchevistas recalcitrantes, merecem distinção: o primeiro por não ter ficado derrotado no mais temível dos confrontos; os outros pelo muito que nos fazem rir. — A. L. R.

No próximo numero:

**RAUL FARIA DA FONSECA**

# «O Correio de "Bel Tenebroso"»

*Minhas queridas leitoras*
*Meus prezados leitores*

*Quando, há menos dum ano, me despedi de vós, nas colunas do «Cine-Jornal», onde cimentámos uma amizade e uma camaradagem fora do comum, senti qualquer coisa, dentro de mim, a dizer-me que a separação não iria ser longa e que o «Adeus» significaria «Até Breve».*

*Sempre odiei as despedidas. Entre o vapor que parte e a multidão que fica no cais cava-se um abismo cada vez maior, cada vez mais distante, mas que tem um limite certo, no tempo e no espaço. O mesmo sucede, quando o combóio, correndo pelos «rails», leva alguém que muito amamos — e nos deixa numa gare, cinzenta e gritante, de lágrimas nos olhos (por causa do fumo...) a acenar, com um lenço branco, as saudades que cá ficam.*

*No nosso caso, as despedidas foram mais tristes. Entre vocês e eu — cavava-se uma distância, cujos limites ninguém podia adivinhar, e muito menos situar no tempo e no espaço. Por isso, procurei que as despedidas fôssem breves, certo de que o Destino não quereria, com certeza, tornar penosa em demasia esta separação.*

*Aqui me têm como eu sonhava: volvidos breves meses, a reatar convosco a nossa conversa amena, de longos anos. Aqui me têm, certo de que todas as minhas leitoras e os meus leitores, acorrerão, como dantes, a trocar impressões comigo. Porque eu quero que todos aqueles que durante mais de cinco anos foram leitores de «Cine-Jornal», se tornem propagandistas e leitores fiéis do Animatógrafo.*

*O Animatógrafo surge numa altura em que não temos em Portugal nenhuma revista de cinema. Estou certo de que só agora, volvidos tantos meses, sem uma revista que vos fale da Arte que todos nós amamos, do Espectáculo que elegemos como nosso favorito, Vocês, cinéfilos entusiastas, cinéfilos na verdadeira acepção da palavra, terão avaliado o que significa não haver uma revista portuguesa de cinema, que vos instrua, que vos divirta, que vos fale da maravilhosa Arte das Imagens.*

*Animatógrafo é uma «frente» de cinema. Todos os jornalistas que à Sétima Arte se têm dedicado colaborando na revista que Vv. estão folheando. Eu garanti a António Lopes Ribeiro, chefe desta causa cinematográfica nacional, que os milhares de leitores do Cine-Jornal de ontem vão comprar, ler e divulgar Animatógrafo, contribuindo assim para tornar a revista cada vez maior, cada vez melhor. Vv. nunca me deixaram ficar mal. Tenho a certeza absoluta de que corresponderão, de alma e coração, ao meu apêlo.*

*Agora, duas palavras muito sentidas, de reconhecimento, de amizade profunda — às leitoras que através, de tantos meses, não deixaram de me escrever, de tornar menos amarga a separação. Elas sabiam que eu não poderia responder-lhes. Elas sabiam também que eu não tinha forma de lhes agradecer essa atenção comovedora. Tudo isso contribuiu, porém, para que guarde de vós a mais enternecida gratidão! Se não fôsse modesto por natureza (será imodéstia dizer isto?) ter-me-ia enchido de vaidade! Porque estou certo de que nunca os meus camaradas «César» (do Pour Vous) ou «Jean Talky» (do Cinémonde) — cujas secções de correspondência criaram justa fama — receberam dos seus leitores semelhante prova de dedicação e de afecto.*

*Quando o director de Animatógrafo me convidou para ressuscitar nas colunas da sua revista, a secção que criei no Cine-Jornal, imediatamente acedi, por duas razões: pela simpatia que me merece o Animatógrafo, e ainda, e sobretudo, porque, em face dos meus leitores de ontem, e perante as provas de estima de que fui objecto de parte dêles, não tinha o direito de recusar êsse convite — que aliás tem tanto de desvanecedor, como de imerecido.*

*Sugeriu o director desta revista que eu pusesse em dia o correio que ficara em atrazo, à data da suspensão de Cine-Jornal. Por mim, encantado com a idea. Tinha, de facto, uns «pequeninos» maços de cartas, atados com fitinhas multicolores, ao feito romântico dos que antigamente se carteavam, anos e anos, com os seus amores distantes.. Esses «pequeninos» maços exibiam por fora uns números cabalísticos: «8.601 a 8.700», «8.701 a 8.800» — e assim por diante. Os maços, por sua vez, eram apenas, quinze... Dentro de cada um dêles, 100 cartas, de côres e dimensões variegadas, tendo a encimá-las um número a vermelho, correspondente à ordem da entrada, à ordem por que haviam chegado às minhas mãos...*

*Levei o meu tesoiro, com um orgulho triunfante, à redacção. Ficaram desolados!... Era impossivel pôr em dia o correio de Bel-Tenebroso, a menos que Animatógrafo, durante números e números, não incluisse outra coisa nas suas páginas que não fôsse uma infindável — embora, por certo, apaixonante... — secção de correspondência. Mas, sùbitamente, ao director da revista ocorreu uma idea. Pegou nos diversos maços e tirou meia dúzia de cartas, ao acaso... Uma, branca, em papel linhado, letra caprichosa a dançar o «Big-Apple», com uma assinatura cristalina e primaveril: Maria Cotovia; outra, enorme, côr de marfim, que parecia uma mensagem real, num papel forte, rugoso (que seria a ruina da signatária, se a mandasse por avião, tendo à esquerda da assinatura um chapelinho de bico, ao jeito medieval e cujo final rezava assim: «E, para o meu afilhado...» Já adivinharam o nome?... Mab-Illa! A terceira carta era uma fôlha de papel comercial, escrito de alto a baixo, numa letra cerrada, inclinada sôbre a direita com o mais modesto e mentiroso dos pseudónimos: Uma garota sem importância. A carta número quatro surgiu: letra azul sôbre papel amarelo. Percebi depois que a côr era de desespêro, por ainda não ter saltado para êste grupo das seis eleitas... Quando se destacou, lembrei-me logo de Bengiamino Gigli: «Non ti scordare di me»... Porque a carta era da sua mais entusiasta admiradora em todo o mundo, Benjamina, senhora das serranias, adoradora do deus Sol e dos horizontes sem fim. A carta n.º 5 não tardou em cair sôbre a mesa: era uma carta cheia de interrogações e assinada pelo mais curioso dos cinéfilos alfacinhas: sua Alteza Real Luís XV, que todos conhecem, pelo menos de tradição... A sexta e última carta trazia ainda o perfume das flôres da Ilha do Sonho: a Madeira. Letra bonita, elegante, e uma assinatura que nos deixa adivinhar o reflexo duns lindos cabelos loiros, no cenário imenso do mar azul: Uma loira madeirense.*

*Por hoje, respondo apenas a estas seis cartas, no gesto simbólico de quem reata uma conversa que qualquer circunstância fortuita interrompeu: «como eu vos ia dizendo»... Estas seis cartas são como que a fita que se corta no acto da inauguração oficial dum edifício, há muito construído e que conhecemos a palmos... São o traço de união afectiva entre o «Bel-Tenebroso» do Cine-Jornal e do mesmíssimo «Bel Tenebroso» do Animatógrafo.*

*E agora, cá fico esperando as vossas cartas! Para a semana, terão já as respectivas respostas, se Vv. não esperarem muitos dias, para saudar o vosso amigo, de tantos anos. Até lá, as mais entusiásticas e efusivas saüdações do*

Bel-Tenebroso

MARIA COTOVIA. — Não há dúvida! V. é uma rapariga com sorte. Logo a primeira carta foi sua!... Não me tinha esquecido ainda da sua letra e a prova é que a reconheci, antes de ter visto a respectiva assinatura. O mais curioso é que a sua carta tinha o número de entrada 8998. Capicua! Estou a adivinhar o seu comentário: «Bonita ideia esta de nos pôrem um número nas costas, como se fôssemos uma presidiárias»... Mas a verdade é que se assim não se fizesse, não poderia saber qual teria chegado em primeiro lugar. E, por outro lado, carta que sai fica prisioneira, condenada a pena maior, e só mais tarde é que sai para o degrêdo duma prateleira, depois de lavrada, por mim, a sentença irrevogável... *Maria Cotovia*, espero que me diga: «Aqui estou»

MAB-ILLA. — Não sente uma lágrimasinha de emoção, a deslizar pela face?... Não diga nada! Quanto mais se estimam as pessoas que se encontram, após uma longa separação, menos palavras têm para dizer o que lhes vai na alma. As grandes alegrias são mudas. Espero que tenha regressado da Quinta Fria e que haja sido espectadora dos acontecimentos cinegráficos da temporada: a primeira paixão do Mickey Rooney, no «Novo Amor de Andy Hardy»; a enternecedora história de «Pinochio» e da heroica luta que o seu anjo da guarda trava para o afastar das tentações do mundo; o encontro Fred-Eleanor, no duelo coreográfico de «Idilio Musical»; a dolorosa tragédia do crepúsculo dos grandes actores, no «Fim do Dia»; a novela de amor impossível do Boyer e da Irene Dunne, em «Quando o outro dia chegou»; a tempestuosa paixão e morte de dois amantes românticos, em «O Monte dos Vendavais», cujo sabor camiliano ressalta nas contraditorias soluções dum caso de amor quási banal; etc., etc. Que magnífica e prometedora época, temos tido! *Mab-Illa:* aguardo cheio de interêsse a sua próxima carta.

UMA GAROTA SEM IMPORTANCIA. — Viva! O que será feito de si! Tenho a impressão de que êstes mêses passados, devem ter originado grandes mutações no xadrês dêste «Correio». Quantas das minhas leitoras terão casado, entretanto! Quatro ou cinco meses, na vida duma mulher de dezoito ou vinte anos, são uma eternidade à vista de igual lapso de tempo da vida dum homem, de idade semelhante... — Na sua carta, V. pregunta-me, com o maior interêsse: «Quando veremos «Gone with the wind»? Por ora, apenas lhe posso dizer que a firma produtora não tenciona apresentar o filme na Europa, antes do fim da guerra. Quando acabará a guerra? Aí está uma pregunta que faria a minha fortuna se eu fôsse capaz de responder, com precisão...

BENJAMINA. — Como a poderia esquecer?! Ainda, há dias, com que alvorôço, li uma carta sua, em que me fala do maravilhoso espectáculo das serranias sem fim, que calcurriou, durante o verão, em infindável peregrinação... Espero que a sua próxima carta seja cem por cento cinegráfica, para debatermos sérios e largos problemas... — As respostas de hoje vão terrivelmente acinegráficas. Mas a caixa do correio dum primeiro número, e referente a cartas que di... respeito a um verão, durante ... o cinema é defeso, não p... forma alguma ser 100 por ... filas... — Estimei imensam... notícias e a algumas ... como V. s... sempre ... tenh... chio ... ar... r... [illegible] ... c... qu... do... jar... liz... tra... env... cart... *tenh...* do se... e morad... samente s... leitores que ... pedido, pois ... não estar actua... de moradas em meu p...

UMA LOIRA MADEIRENSE. — Gostei que tivesse «saído» esta carta sua! E a razão é simples: Aí na Madeira tenho dezenas e dezenas de correspondentes. Não podendo escrever hoje a cada uma delas, quero saüdar, em V., todas as leitoras da Ilha do Sonho. De resto, *Uma loira madeirense* foi sempre uma dedicada consulente. O acaso, por vezes, vem ao encontro dos nossos melhores desejos. — Que filmes tem visto, agora, por aí? Já foram ao Funchal as mais recentes produções portuguesas? — Espero, dentro em breve, ter cá uma cartinha sua, para conversarmos mais longamente, visto que o assunto debatido na carta a que estou respondendo já ter perdido toda a actualidade.

BEL TENEBROSO

# AS PERSONAGENS DA MELHOR COMÉDIA DA TEMPORADA

# «COMO ELA SE ENGANOU...»

**Lisboa vai ver a partir da próxima 4.ª feira, 13 uma das mais curiosas comédias americanas. Intitula-se «Como Ela Se Enganou...» e é nada menos que a famosa película da Nova Universal, «Service de Luxe», exclusivo de Filmes Alcântara que a estrearão simultâneamente nos cinemas Odeon e Palácio. Formada sôbre um tema originalíssimo, a película anima uma série de personagens que pela sua psicologia e personalidade constituem o alicerce cómico da jovial obra. Vamos apresentar na presente página essas figuras a quem Portugal vai dever uma esplêndida hora e meia de alegria, num espectáculo de rara beleza e de faustosa espectaculosidade.**



## CONSTANCE BENNETT

■ em **Helen Murphy,** na vida privada, Dorothy Madison no mundo dos negócios onde dirige a mais expantosa e completa agência de todo o mundo, aquela que tudo consegue menos admitir a existência da palavra «Impossível».

## INCENT PRICE

■ em **Robert Wade,** o moço e decidido inventor que se não compadece com a idéa de que o seu êxito possa de qualquer forma ser devido às diligências da mulher que o ama.

## CHARLIE RUGGLES

■ em **Scott Robinson,** um engenheiro, rico e excêntrico, que tem a mania de se doutorar... em culinária.

## HELEN BRODERICK

■ em **Pearl,** a confidente paciente e a secretária inexigente da agitada e apaixonada Helen-Dorothy Madison-Murphy.

## MISCHA AUER

■ em **Robenko,** príncipe russo no exílio, espírito convicto e digno mestre de culinária do seu amigo, o engenheiro Robinson.

## JOY HODGES

■ em **Andrey,** a endiabrada e romântica filha de Robinson, que se apaixonou por Robert e à última hora desposou Robenko.

---

**Como Ela se Enganou...** Uma Super-Comédia da UNIVERSAL PICTURES

**Um exclusivo de FILMES ALCANTARA**

4.ª feira no ODEON e PALÁCIO

# BALANÇO DUM COMÊÇO DE ÉPOCA

**Um artigo em que se ennumeram os filmes de GRANDE CATEGORIA e GRANDE ESPECTACULO apresentados em Lisboa até o fim de Outubro dêste ano**

Não nos parece desinteressante nem despropositado fazer neste primeiro número de «Animatógrafo» um rápido balanço dos filmes apresentados em Lisboa até o fim de Outubro, isto é, no comêço da época 1940-41. Diga-se desde já que a temporada, sob o ponto de vista cinematográfico, se anuncia prometedora. Mas interessa-nos por agora mais avaliar aquilo em que *cumpriu*.

Para o fazer, e sem que isso represente desdoiro para muitos outros filmes, cujo interêsse se justifica a vários títulos, vamos referir-nos apenas aos filmes de grande categoria cinematográfica e de grande espectáculo apresentados (repetimos) até fim de Outubro, visto que a todos os restantes se faz a devida referência na secção de crítica dêste mesmo número.

As duas obras culminantes dêsse período foram, sem duvida, *Pinocchio*, milagre de Walt Disney, dez vezes superior a *Branca de Neve e os Sete Anões*, da Rádio Filmes, e *O Monte dos Vendavais*, da Sonoro, uma das mais pujantes e impressionantes obras que nos tem dado a cinematografia. Na primeira, admiramos a imaginação transbordante da maravilhosa oficina que Almada Negreiros comparou muito justamente às da Idade Média; na segunda a adaptação felicíssima dum romance célebre, interpretada por assombrosos artistas e dirigida por um extraordinário realizador: William Wyle, o encenador de *Veneno Europeu*, *Três corações iguais* e tantas outras obras-primas.

Da Universal (Filmes Alcântara) vimos um filme interessantíssimo, pelo cuidado da encenação e, principalmente, pela interpretação inexcedível do par Irene Dunne-Charles Boyer: *Quando o outro dia chegou*. Embora não atinja o nível de *Ele e Ela*, as cenas passadas durante a inundação são notabilíssimas.

Revimos Fred Astaire, o aéreo, o imponderável Fred Astaire, divorciado artìsticamente de Ginger Rogers (que já vôa pelas suas próprias e poderosas asas), que Eleanor Powell substitui. Os bailados dos dois «ases» da dança em *Idílio Musical*, da M. G. M., são um encanto permanente, pela segurança, pela graça, pela originalidade das marcações e pela música de Cole Porter.

Vimos, com muita curiosidade, *O Pássaro Azul*, segundo a peça de Maeterlinck e com Shirley Temple, já crescidota, em Myrtil. O incêndio da floresta é um assombro, que o Technicolor valoriza 100 por cento. A-pesar-da secura da transposição, pode considerar-se um espectáculo de categoria a incluir neste rol.

A linda Madeleine Carroll apareceu-nos ao lado de Brian Aherne e Louis Hayward, em *Meu filho e meu rival*, da Sonoro Filme, o célebre *My son, my son*, em que um conflito de grande vigor humano encontra a mais apropriada das realizações e dos desempenhos. E também à Sonoro, que decididamente entrou a época com o pé direito, cabe um terceiro grande espectáculo: *A verdadeira glória*, de Hathaway, com Gary Cooper, o inimitável Gary Cooper, e David Niven, que já ganhou há muito direito a figurar na primeira linha das estrêlas-homens.

Resta citar, para que fique completo êste balanço até fim de Outubro, dois filmes franceses realmente excepcionais: *O Fim do Dia* e *Fui uma Aventureira*. O primeiro, apresentado pela S. I. F., reúne o melhor realizador e os três melhores actores da França: Julien Duvivier, Michel Simon, Louis Jouvet e Victor Francen. Um ambiente inédito do maior interêsse, uma acção originalíssima e os três actores em três papéis que lhes vão, paradoxalmente, como uma luva: um canastrão, um falhado e um cabotino.

Finalmente, *Fui uma Aventureira*, quarto filme de categoria real que a Sonoro apresentou no comêço desta época (o que é um «record» notável), reúne três nomes da nossa particular simpatia: o realizador Raymond Bernard, o impagável Jean Tissier, Jean Murat, num dos seus melhores papéis, e a fascinante Hedwige Feuillère, bela e artista como nunca. Uma aventura graciosíssima é-nos contada com tanta nitidez e tanto espírito, que nos diríamos diante duma comédia americana de primeira linha.

Se quizéssemos estabelecer uma lista das melhores criações, ver-nos-íamos certamente embaraçados. Dos «homens», quanto a nós, o mais famoso é... o «Sr. Grilo», de *Pinocchio*, logo seguido de perto por Lawrence Olivier. Das mulheres, preferimos Merle Oberon, Irene Dunne e Edwige Feuillère. Mas as mais e os mais que citamos são concorrentes seriíssimos.

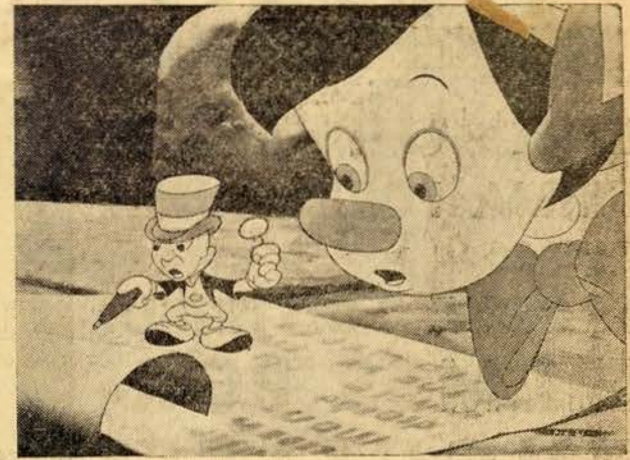
Dos realizadores, sem falar de Disney, Wyler vem à cabeça, com o *Monte dos Vendavais*, filme que tem a melhor fotografia e o melhor acompanhamento musical de todos os que citamos.

A mais linda canção, encontramo-la no *Idílio Musical*: «Begin the Biguine», com as marcações de Busby Berkeley. E o melhor som (prémio da Academia) é o de *Quando o outro dia chegou*...

Resumindo: quási todas as firmas distribuidoras nos deram, em poucas semanas, um ar da sua graça, cabendo um grande filme a cada uma das seguintes: R. K. O., M. G. M., Fox Filmes, Alcantara e S. I. F.; cabendo o quatro à Sonoro-Filme.

Se a temporada continua neste ritmo de grandes espectáculos, ninguém terá razão de queixa.

F. S. J.



*Em Pinocchio, a personagem mais espantosa é a do senhor Grilo, materialização da consciência, em tudo o que ela tem de tardio, de conselheiral e de impotente. Ei-lo aqui, lendo a Pinocchio a mensagem caída do céu aos trambolhões. (Rádio-Filmes)*



*Merle Oberon e Lawrence Olivier atingem um nível excepcional na interpretação de Cathy e Heathcliff, na impressionante realização de William Wyler,* O Monte dos Vendavais. *Esta fotografia mostra-os, quando observam a festa em casa de Edgar (David Niven), pouco antes da cêna em que são mordidos pelos cães. (Sonoro-Filme)*

Animatógrafo

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

2.ª série — N.º 1 — 11 de Novembro de 1940 — Prêço: 1$50

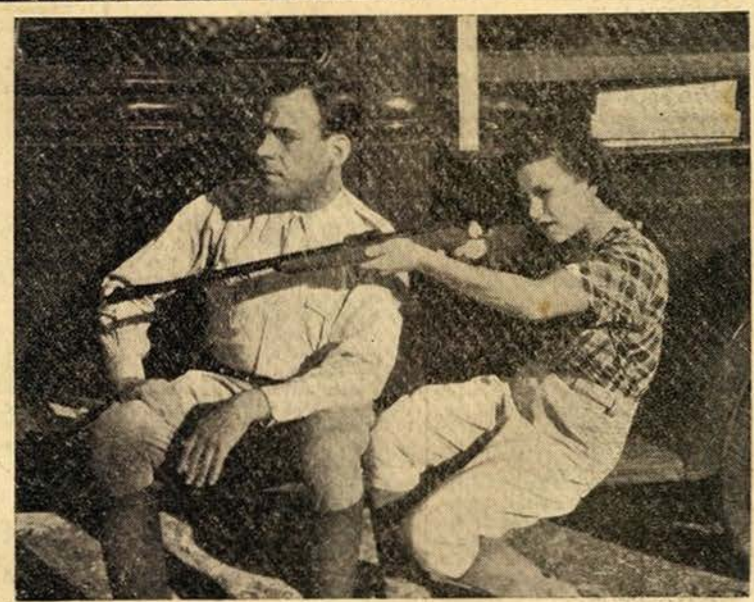
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória: Rua do Alecrim, 65, LISBOA (Telefone 2 9856) — Compôsto e Impresso nas OFICINAS DO «JORNAL DO COMERCIO E DAS COLÓNIAS», Rua Dr. Luiz de Almeida e Albuquerque, 5 (Telefone 2 9151) — Rotogravura a cargo da «NEOGRAVURA, LIMITADA», Travessa da Oliveira, á Estrêla, 4-6 — Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA, Largo Trindade Coelho, 9, 2.º (Telefone P. A. B. X. 2 7507, LISBOA

# A SPAC

## SOCIEDADE PORTUGUESA DE ACTUALIDADES CINEMATOGRÁFICAS LDA

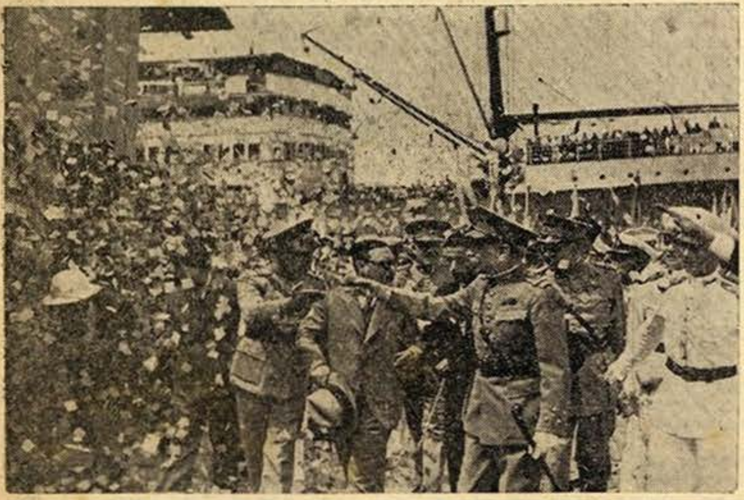
É A ÚNICA FIRMA PORTUGUESA QUE SÓ PRODUZ E DISTRIBUI FILMES PORTUGUESES!

PARA 1940-41 TEM À DISTRIBUIÇÃO PARA TODO O MUNDO OS SEGUINTES EXCLUSIVOS:



# FEITIÇO DO IMPÉRIO

A SENSACIONAL REVELAÇÃO DA NOSSA ÁFRICA · REALIZADA POR ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



com ALVES DA CUNHA, AMARANTE, ANTÓNIO SILVA, RIBEIRINHO, LUÍS DE CAMPOS, ISABELA TOVAR e MADALENA SOTTO nos principais papéis.

As reportagens completas da PRIMEIRA e da SEGUNDA

# VIAGEM

do CHEFE DO ESTADO às Colónias de África

# "O JORNAL PORTUGUÊS"

revista de actualidades com 21 números editados, dos quais 6 da SÉRIE ESPECIAL DAS COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS. ● MUITOS OUTROS DOCUMENTÁRIOS E FILMES CULTURAIS, focando os aspectos interessantíssimos da nossa paisagem e das nossas actividades. — A EDITAR ATÉ AO FIM DO ANO: ● JORNAL PORTUGUÊS N.os 22, 23 e 24. ● EXERCÍCIOS MILITARES DE 1940. ● E o grandioso documentário da EXPOSIÇÃO HISTÓRICA DO MUNDO PORTUGUÊS.

Sede: Avenida da Liberdade, 245, r/c. - LISBOA - Telef. 23166 — Representante no Pôrto: ABEL D'AQUINO - Rua Duque Saldanha, 20 - Telef. 330

# BIGAMIA



Estava Jean Arthur descansadíssima da sua vida a namorar Melvyn Douglas, quando surgiu Fred Mac Murray, disposto a conquistá-la à viva fôrça. Melvyn parece bastante contrariado.



Para os americanos, o «fair-play» não é palavra vã. Enquanto Jean hesita (que bem, que ela hesita!) Melvyn e Fred consultam anciosamente o malmequer. E a ambos saiu — «bem me quere!...»



Decidem entregar a solução do despique à principal interessada. Mas ai! Jean não sabe como decidir-se. De quem vai ela aceitar a aliança simbólica? Ao loiro Melvyn ou ao moreno Fred?...



Enfim! Jean Arthur parece ter-se resolvido. Pelo menos assim o julgam os dois rivais, que não escondem a anciedade: Fred com a violência dos morenos, Melvyn com a placidez dos loiros.



Falso alarme! As cartas que decidam. A quem caberá o az de copas, que simboliza, está bem de ver, o coração de Jean Arthur, pois na América, que se saiba, ninguém lhe dá outra significação.



Feliz Fred Mac Murray! Quanto não daria Melvyn para estar no teu lugar? E quanto não daria o leitor?... E as leitoras já sabem que têm que contentar-se com Melvyn, pois Fred tem dona.

ESTA SÉRIE DE FOTOGRAFIAS SERVE PARA FAZER CRESCER ÁGUA NA BOCA AOS FUTUROS
DORES DA COMÉDIA «BIGAMIA» QUE A ALIANÇA FILM

# Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



## "Mulheres"

Norma Shearer, Joan Crawford e Rosalind Russell são as estrêlas do filme de George Cuckor, totalmente interpretado por mulheres, onde aparecem outras 133 das mais célebres actrízes de Hollywood e onde não se fala noutra coisa senão... nos homens!

*(Um filme da Metro-Goldwyn-Mayer)*

**LEIAM. NO PRÓXIMO NÚMERO, UM INQUÉRITO SENSACIONAL**